

MARIA BASTOS HORTA E COSTA

**PRÁTICAS PARENTAIS, FUNCIONAMENTO
FAMILIAR E COMPORTAMENTO DOS
ADOLESCENTES**

Orientadora: Fernanda Salvaterra

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2011

MARIA BASTOS HORTA E COSTA

**PRÁTICAS PARENTAIS, FUNCIONAMENTO
FAMILIAR E COMPORTAMENTO DOS
ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias,
conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias

Orientador: Prof. Doutora Fernanda Salvaterra

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2011

Dedicatória

Dedico esta Dissertação de Mestrado aos meus pais e à minha irmã, porque foram eles que me ensinaram que: “A ética é estar à altura do que nos acontece”. Deleuze

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho contou com a ajuda de várias pessoas que merecem o meu reconhecimento.

Em primeiro lugar, queria agradecer à orientadora da dissertação, a Professora Doutora Fernanda Salvaterra, que sempre se mostrou disponível e nos orientou de forma individualizada.

De seguida, aos Directores das duas escolas nas quais foram aplicados os protocolos de investigação.

Não menos importante, aos pais dos alunos que aceitaram que os seus filhos respondessem aos inquéritos e aos alunos pela disponibilidade que demonstraram em colaborar neste projecto. E ainda aos Professores que cederam parte das suas aulas para a aplicação do Protocolo.

No campo mais pessoal, tenho a agradecer à minha família e ao meu namorado pelo suporte emocional e pela paciência que tiveram nos momentos em que estive menos presente. Em particular, à minha irmã que me ajudou também ao nível da análise estatística.

À Doutora Carla Cruz pelo suporte emocional, e a habilidade em mostrar-me o lado positivo, em momentos de menor optimismo.

Aos meus amigos pela tolerância e compreensão para com a minha pouca disponibilidade durante este período.

À colega e amiga Catarina Raposo, pela troca de estímulo que fortaleceu a nossa amizade.

Às colegas do grupo de investigação pelos tempos de convivência e de partilha de ansiedades tão típicas deste ano lectivo.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

O presente estudo tem como objectivo analisar a relação entre o funcionamento familiar, as práticas parentais e o comportamento dos adolescentes.

Para a concretização do objectivo deste trabalho, foi elaborado um protocolo de investigação (questionário de dados sociodemográficos, um inquérito de avaliação do comportamento: YSR; um que avalia o funcionamento familiar: FACES III e outro que avalia as práticas parentais: QLP-A), aplicado em duas escolas públicas do concelho de Lisboa, inseridas em áreas sócio-económico-culturais diferenciadas.

Através dos resultados encontrados [a ansiedade_depressão ($T=.502$; $P=.041$), no isolamento ($T=.915$; $P=.000$), nos problemas sociais ($T=2.822$; $P=.004$) apresentam valores mais elevados na Escola de Intervenção Prioritária, escola com projecto TEIP . Na escola de níveis socioeconomicos mais elevados, as dimensões que apresentaram valores superiores foram em dimensões que remetem para as atitudes dos pais perante os filhos: na protecção pai ($T=.440$; $P=.004$) e na protecção mãe ($T=.005$; $P=.000$)]. É possível confirmar a existência dessa influência. Para além dessa influência, constatámos ainda que o meio envolvente em que as famílias se inserem influencia também as atitudes parentais perante os seus filhos. Ou seja, quando os níveis socioeconómicos são mais favoráveis, as suas atitudes de educação e socialização perante os filhos também serão mais adequadas.

Palavras-Chave: Funcionamento Familiar, Práticas Parentais, Comportamento, Adolescente

Abstract

This study aims to analyze the relationship between family functions, parental practices and behaviour of adolescents.

To reach this goal, an investigation protocol has been made (through a socio-demographic questionnaire, a questionnaire that measures the behavior: YSR; the family function: FACES III; and the parental practices: QLP-A), which was applied in two different public schools in Lisbon.

Through the results found [the main significant differences are: in anxiety_depression ($T=.502$; $P=.041$), in isolation ($T=.915$; $P=.000$), in social problems ($T=2.822$; $P=.004$) which presents highest values at the school of Priority Intervention, as referred at the project TEIP. In the school with highest socioeconomical levels, the dimensions that showed highest values, were in dimensions that due to the parental attitudes: in Father Protection ($T=.440$; $P=.004$) and in Mother Protection ($T=.005$; $P=.000$)], it is possible to confirm the existence of that influence.

Beyond that, we have observed that the environment of the families also influence the parental attitudes through their children. Which means that, when the socioeconomics levels are propitious, the attitudes towards education and socialization of their children will be more appropriate too.

Key-Words. Family Function, Parental Practices, Behavioral, Adolescen

ABREVIATURAS

YSR	Youth Self Report
QLP-A	Qualidade de Ligação Parental – Forma Adolescente
FACES III	Family Adaptability and Cohesion Scale III
Coes	Coesão
Adapt	Adaptabilidade
A_D	Ansiedade_Depressão
Isol	Isolamento
Q_S	Queixas_Somáticas
Int.	Internalização
Ext.	Externalização
C.PAI	Carinho Pai
C.MÃE	Carinho Mãe
A.PAI	Autonomia Pai
A.MÃE	Autonomia Mãe
P.PAI	Protecção Pai
P.MÃE	Protecção Mãe

ÍNDICE

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Adolescência.....	10
1.1. – Evolução Histórica do Conceito.....	10
1.2. – Perspectiva Desenvolvimentista da Adolescência.....	11
1.3. – Desenvolvimento da Identidade.....	12
1.4. – O Comportamento dos Adolescentes.....	15
1.5. – Problemas de Comportamento.....	16
1.5.1 – Abordagens de Classificação aos Problemas de Comportamento.....	18
1.5.2 – Problemas de Externalização.....	20
1.5.3 – Problemas de Internalização.....	21
Capítulo 2 – A Família.....	23
2.1. – O Conceito.....	23
2.2. – O Sistema Familiar.....	24
2.3. – O Ciclo Vital.....	27
Capítulo 3 – O Funcionamento Familiar.....	30
Capítulo 4 – Estilos e Práticas Parentais Educativas.....	33
4.1. – Estilos Parentais Educativos.....	33
4.1.1. – A tipologia de Baumrind.....	35
Capítulo 5 – Método.....	39
5.1. – Participantes.....	39
5.1.1. – Dados Sociodemográficos.....	39
5.2 – Medidas.....	43
5.2.1. – QLP-A.....	43
5.2.2. – YSR.....	44
5.2.3 – FACES III.....	45
5.3. – Procedimento.....	47
Capítulo 6 – Resultados.....	48
Capítulo 7 – Discussão.....	53
Conclusão.....	60
Bibliografia.....	61
Anexos.....	63

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Características Sociodemográficas da Amostra em Estudo.....	42
Tabela 2: Comparação entre o Sexo e as Dimensões em Estudo.....	48
Tabela 3: Comparação entre os Tipos de Família e as Dimensões em Estudo	49
Tabela 4: Comparação entre os Alunos das duas Escolas e as Dimensões em Estudo..	50
Tabela 5: Matriz de Correlações para todas as Dimensões em Estudo.....	51

INTRODUÇÃO

A Adolescência é uma fase da vida na qual ocorrem alterações a vários níveis. Frequentemente, os adolescentes sentem-se incompreendidos por aqueles que lhes são mais próximos.

O interesse na elaboração deste estudo consiste em compreender o motivo de determinadas atitudes e a eventual relação entre estas atitudes e o relacionamento com os pais.

A família tem e terá sempre influência ao longo da vida, mas será esta a única fonte de influência? Terão, pelo contrário, os amigos mais influência que os pais?

Torna-se ainda pertinente perguntar que padrões de comportamento familiar influenciam mais determinados comportamentos dos filhos ou, se existe alguma previsibilidade nestes comportamentos através do comportamento dos pais?

Porém, para compreender o comportamento parental será necessário passar por uma definição de família mais abrangente, ir aos sistemas e sub-sistemas que nela integram, para melhor se perceber essa dinâmica familiar e a sua influência nos elementos mais novos.

Considera-se a adolescência a fase de passagem para a vida adulta; se por um lado se encontram já com um corpo de adulto a mente ainda tem características infantis. As atitudes dos pais no sentido da socialização dos filhos tornam-se muito importantes no que concerne ao estabelecimento da autonomia ou, no outro extremo, da dependência. Sabe-se ainda que aqueles que tenham uma ligação mais segura aos pais, terão uma adolescência mais satisfatória e com menos problemas; podendo-se afirmar por isso que a generalização da afirmação “o adolescente é perturbado” do senso comum, é um mito que deve ser esclarecido. Claro que continuam a existir adolescentes com problemas e adolescentes sem problemas mas a sua generalização sem fundamento estatístico, baseada apenas na observação corrente, torna-se num erro, sendo desta forma bastante pertinente o estudo do comportamento adolescente.

Este estudo será organizado por vários capítulos, numa primeira caracteriza-se a adolescência (definindo-se a evolução Histórica e Científica do seu conceito, identificando-se as alterações físicas, hormonais, psicológicas e sociais e, o comportamento propriamente dito). Numa segunda fase, abordar-se-á a problemática da Família (passando-se da definição de família numa perspectiva sistémica, ao funcionamento familiar; seguindo-se a caracterização dos estilos e práticas educativas

parentais). Com especial incidência na interação pais-filhos e a sua alteração nesta fase da vida. Por último, abordar-se-á os estilos parentais educativos e as práticas parentais que lhes estão subjacente

Capítulo 1 – Adolescência

1.1. - Evolução Histórica do Conceito

Antes da Revolução Industrial do século XIX, a adolescência não era ainda considerada como uma etapa específica da vida; pelo contrário, as crianças começavam a trabalhar e casavam cedo, como se de adultos se tratassem.

A partir da Revolução Industrial, começou a ser necessário a existência de pessoas especializadas que elaborassem aquilo que a indústria exigia. Para isso, e nesse contexto, revolucionou-se o ensino. Se antes as crianças iam trabalhar mais cedo, agora era necessário que ficassem na escola durante mais tempo e, esta circunstância permitiu constatar que a passagem da infância para a idade adulta não era fácil, mas que tinha sim características próprias que valiam a pena serem investigadas.

Neste sentido, segundo Steinberg e Lerner (2004) existem três fases científicas de tentativa de definição de Adolescência: a primeira situa-se entre 1900 e 1970, na qual os autores Hall, Freud, Erikson e Piaget elaboraram estudos essencialmente descritivos com foco no que é biológico. Aquilo que se conseguiu transmitir para os dias de hoje é a ideia de transição, período curto durante o qual ocorrem alterações físicas, hormonais, sociais, familiares, educacionais e sociais, dando-se ênfase a esta fase como um período de tensão e bastante ansiedade; a segunda fase científica, ocorrida no período 1970 e 1990, continua o conceito da fase anterior porém, vai mais além utilizando métodos experimentais e adoptando a perspectiva de articulação entre o biológico e o social. A segunda fase distinguiu-se ainda da primeira por reflectir acerca das diferenças individuais do desenvolvimento humano, da sua permeabilidade, e capacidade de resolução de problemas, sendo que as investigações se centraram essencialmente no insucesso escolar, familiar, comportamentos desviantes; por último, a terceira fase, iniciada em 1990, com duração até à actualidade continua a olhar a individualidade do desenvolvimento humano, no entanto, passa-se a focalizar mais nos aspectos positivos desta etapa da vida que nos negativos, como era hábito nas fases anteriores. Hoje em dia, considera-se que a Adolescência, apesar de continuar a ser um período de grandes alterações físicas e sociais, é um período que pode ser relativamente fácil, em que os

jovens conseguem manter uma relação adequada com os seus pais. No entanto, continuam a existir desvios e perturbações que merecem a atenção do investigador, tendo em conta que perturbam o dia-a-dia destes jovens, da sua escola e da sua família (Hall, Freud, Erickson & Piaget, cit. por Steinberg & Lerner, 2004; citados por Fonseca, 2010).

1.2. - Perspectiva Desenvolvimentista da Adolescência

Segundo Sprinthall e Collins (1994), a maturação do ser humano atinge-se através de diversas etapas, nomeadamente na puberdade (altura em que se atinge a capacidade de reprodução) e a entrada na Adolescência, cujas alterações físicas, isto é, a passagem do corpo de criança para o corpo de adulto influenciam o desenvolvimento psicológico e social dos indivíduos. No caso da Adolescência, a transformação do corpo gera tensão e ansiedade, no que respeita às expectativas dos outros e do próprio em relação a essas mesmas transformações, tendo em conta que os factores hormonais influenciam também as emoções e os estados psicológicos.

Para além destas alterações físicas, verificam-se nesta altura da vida, modificações tanto em casa como na escola, no que concerne às relações pré-estabelecidas na infância.

Enquanto que para as crianças o mundo exterior era essencialmente centralizado nas suas figuras parentais, para os adolescentes, o grupo de pares passa a ser um novo alvo de relação e interacção com o mundo exterior.

Esta nova importância dada ao grupo de pares pode justificar-se também pela evolução do pensamento destes jovens, isto é, cada vez mais utilizam e usufruem da testagem de hipóteses, que lhes fornece um meio mais flexível e lhes desenvolve a compreensão da existência do outro e da sua importância na sua própria vivência.

Ao contrário das crianças, que caracterizam o outro acima de tudo pela aparência física e por aquilo que é mais observável, o adolescente possui já a capacidade de ir às características intrínsecas, valorizando a criação de relações íntimas.

O Adolescente, por ter esta capacidade mais alargada de resolução de problemas e constatação de que a realidade apresenta mais opções, começa a considerar a existência alternativas ao seu contexto. Por exemplo: um jovem com uma família insatisfatória, pode, nesta fase, considerar que existem famílias “melhores” que a sua, podendo ser este um dos inícios para o surgimento de problemas de comportamento que muitas vezes caracterizam esta etapa da vida.

Esta tomada de consciência de diversas “realidades” acontece em simultâneo com a tomada de “consciência do eu”, ou da noção de identidade.

Segundo Erikson, a construção da identidade surge como uma crise, ou seja, os adolescentes teriam que escolher entre dois lados opostos (ex: confiança vs desconfiança), o que se enquadra nas suas vivências pessoais, neste contexto de alterações ocorridas.

Esta identidade tem grande importância, pois é só através da sua construção que o adolescente irá ser capaz de criar novas relações de intimidade. É neste processo de auto-conhecimento, de aquisição de auto-estima e competências sociais que poderá estabelecer relações de proximidade consistentes. (Erikson, citado por Sprinthall e Collins, 1994).

1.3. - O Desenvolvimento da Identidade

Convém abordar o conceito de “identidade” no período de vida a que reporta este estudo, que aparece, em alguns autores, nas perspectivas de “crise de identidade” ou “formação de identidade”.

As teorias (Erikson, 1956, 1963) que começaram a estudar esta problemática, sugeriram a existência do conceito de crise de identidade.

No que respeita à fase da vida que está a ser estudada, Erikson (1963, p.251) constatou o período da puberdade como uma altura em que “toda a singularidade e continuidade são mais ou menos postas em causa outra vez”. Com isto, o autor pretendeu afirmar que os adolescentes teriam que estar constantemente a elaborar ligações entre a sua identidade infantil e as responsabilidades típicas do mundo adulto.

Esta transição desenvolvimentista descrita por Erikson, foi posteriormente denominada de formação da identidade, e significa o modo segundo o qual os jovens mais velhos conseguem identificar de forma bastante mais clara dos aspectos da sua personalidade. Desta forma, conseguem nesta fase, desenvolver uma compreensão diferente e mais aprofundada daquilo que são, daquilo em que acreditam e do que querem fazer das suas vidas. A conhecida ideia de Erikson de que o processo de formação da identidade implica, especificamente, episódios de crise de identidade poderá ajudar a compreender que os desafios da formação duma identidade levam a gente jovem a comportar-se, de vez em quando, de maneiras inconsistentes e desajustadas. Erikson afirma, deste modo

que os distúrbios e a aparente psicopatologia se tornam características do desenvolvimento adolescente.

Erikson (1968; Sampaio 1991) discute a inter-relação entre um desenvolvimento e o mero educativo que vai interferir nas várias etapas por aceleração, inibição regulação da intensidade, criando variações. Para explicar as possibilidades de variação, Erikson fala da bipolaridade básica dos impulsos humanos, que funcionam em pares antitéticos: dependência- independência, iniciativa-inibição, postulando um quadro geral de evolução humana que designa o ciclo vital humano e no qual integra os fins ou metas instintivos, as modalidades sociais de contacto, os objectos, os elementos cosmológicos (Sampaio 1991) . As diversas fases do ciclo são designadas de crises psicossociais, zonas de vulnerabilidade e criatividade aumentadas.

As crises psicossociais de Erikson são as seguintes:

Confiança-Desconfiança – localizada no período oral;

Autonomia-Vergonha – localizada no período anal;

Iniciativa-Culpa – integrada na fase genital e edipiana;

Aplicação-Inferioridade – correspondendo à latência;

Identidade-Difusão da identidade – surgindo na adolescência;

Intimidade-Isolamento – ligada à genitalidade do adulto;

Cuidado-Egocentrismo – idade média da vida;

Integridade-Desespero – velhice.

Erikson introduz também a importante noção de moratória psicossocial, período que a sociedade cria para que o individuo possa adiar decisões face à sua identidade, experimentando sucessivos papéis para descobrir que género de pessoa é, antes de assumir os seus compromissos de adulto. (Erikson, 1953, 1963, 1968; citado por Sprinthall e Collins, 1994; Sampaio, 1991).

Há autores que enquadram o conceito de “busca da identidade” no período que denominam “crise de adolescência”.

Numa vertente mais psicodinâmica e actual, Coimbra de Matos (2002), considerou a “crise da adolescência” como o período evolutivo em que se processa a mudança de objecto de amor: dos pais para o grupo de pares. É menos abordada a maturação instintiva que se processa nesse período e que se caracteriza pela saída de interesses predominantemente narcísicos, próprios da infância, para o desenvolvimento de interesses de grupo, sociais, próprios da idade adulta.

É na juventude que se consolida a identidade sexual e social do indivíduo. A vida mental é intensa e encontra-se condicionada, por um lado pela enorme pressão dos instintos, por outro pelo alargamento de conhecimentos: pessoas, fenómenos e de si próprio.

O encontro com figuras válidas de identificação permite aos jovens o desenvolvimento da sua própria personalidade e uma abertura relacional para o mundo social.

Há dois aspectos importantes a considerar neste período de vida: por um lado, o efeito do meio, da cultura, sobre o crescimento individual – a característica “cultural” da adolescência – sendo a evolução adolescente uma ruptura da convenção educativamente condicionada. Por outro lado, a adolescência revela outro aspecto que, embora relacionado com o anterior, tem características próprias: a busca da identidade. Corresponde a um período de crescimento psicoafectivo próprio da espécie que constrói a sua identidade própria separando-se dos modelos formadores e investindo em novos objectos, mais pessoais, até à construção de uma independência social.

Para Dias Cordeiro, a adolescência é, por um lado, o tempo do trabalho de luto das figuras parentais (luta da infância); por outro, a época de assunção da identidade própria e escolha do objecto de amor.

A construção da identidade processa-se de duas formas: o indivíduo assimila aquilo que verifica ser e ter dentro de si; e assimila, igualmente, a identidade do outro, num processo de aculturação.

A primeira forma de construção da identidade, em que o adolescente se consciencializa do que é e do que foi, mas também do que deseja ser ou vir a ser, surge a imagem ou representação física (do “self corporal”) e mental. Esta auto-representação mental permite-lhe diferenciar-se da representação do outro e ir-se assumindo como ser diferente e com características próprias.

A segunda forma de construção da identidade faz-se por alo-assimilação. O adolescente passa a escolher os seus modelos – figuras de identificação – pelo que a diversificação de contacto é tão importante nesta fase, proporcionando um leque mais abrangente de escolhas. (Dias Cordeiro citado por Coimbra de Matos, 2002)

Porém, apesar desta modificação da sua rede social mais próxima, o adolescente não corta com a família, altera antes as suas relações e passa a ter como modelos outras pessoas para além dos pais, como sucedia na infância. Assim, compreende-se que o

estudo da família, continua, na adolescência, a ser de grande importância para que se compreenda melhor os comportamentos próprios desta fase da vida.

Pensa-se que muitas das divergências de opinião podem ser explicados por aquilo que Sampaio (1984b; Sampaio 1991) designou por mitos face à crise de adolescência. O autor definiu o conceito de crise com base no ponto de vista sistémico face à família. Por crise da adolescência entende uma zona de turbulência do sistema em que se impõe uma renegociação das finalidades individuais e do conjunto do sistema.

Em conclusão: a adolescência é para Sampaio uma fase de desenvolvimento levando à idade adulta, “uma fase longa do ciclo de vida, de contornos indefinidos, em que o conflito se joga cada vez mais no palco familiar, com a afectividade pesada em crenças e mitos de lealdade, engendrando culpa e/ou ressentimentos mútuos” (Fleming, 1963).

Mas é também uma fonte inesgotável de criatividade individual e familiar.

(Fleming, 1963, cit. por Sampaio, 1993)

1.4. - O Comportamento dos Adolescentes

Segundo Sampaio (1991), o jovem vai diminuir a dependência afectiva face aos pais, característica do período infantil, associando-se também este período à alteração da relação com os seus companheiros e o grupo vai revestir-se de grande importância no seu desenvolvimento emotivo. Dunphy (1963) distingue cinco estádios na formação do grupo de pares dos adolescentes:

- . Grupo isolado de um só sexo;
- . grupos unissexuais participam na interacção heterossexual, dando-se os primeiros movimentos face à heterossexualidade;
- . os membros de estatuto mais alto dos grupos heterossexuais iniciam contactos individuais com membros do sexo oposto;
- . formação de grupos inteiramente heterossexuais;
- . desintegração do grupo como um todo e formação de díades, às vezes agrupadas.

Apesar de a maioria dos jovens passarem pela adolescência sem grande dificuldade (ao contrário do que pensa o senso-comum), alguns passam por problemas psicológicos e comportamentais bastante graves que prejudica não só as suas vidas mas também aqueles que vivem à sua volta. Estes problemas podem ser abuso de substâncias,

delinquência, e depressão e afectam uma parte dos adolescentes. (Dumphy, 1963, cit. por Sampaio, 1991)

A maioria dos indivíduos passa por esta fase de forma relativamente calma, tem sentimentos positivos acerca dos seus pais e é capaz de estabelecer novas relações com os seus pares; e tem as capacidades básicas para enfrentar as oportunidades escolares, ocupacionais e recreativas que a sociedade lhes proporciona. A maioria entra na idade adulta de forma suave e começa a estabelecer o seu trabalho e família sem grandes dificuldades. Apesar de a transição para a idade adulta poder parecer complicada para a maioria dos jovens por se aproximarem decisões difíceis sobre o futuro, as estatísticas dizem que esta transição é relativamente pacífica. Os autores americanos Barbarin (1993, McDeinott & Spencer, 1997) constataam que, relativamente à realidade americana, que um em cada três raparigas adolescentes engravidam antes dos seus vinte e um anos, mas também é verdade que dois em cada três não. Apesar de 20% dos adolescentes não completarem o secundário na idade esperada, 80 % completam. E apesar de os media levarem a acreditar no contrário, a maioria das minorias étnicas não são desajustadas (Barbarin, 1993; McDermott & Spencer, 1997). Não se deve generalizar o facto de muitos adolescentes saudáveis experimentarem pelo menos uma vez por outra, dúvidas existenciais, dificuldades familiares e académicas ou amorosas. Mas é importante ter em mente que os problemas psicossociais que ocorrem durante a adolescência, exigem que se estabeleça uma distinção entre o que é normativo, e usualmente transitório e os problemas psicossociais sérios que uma minoria dos adolescentes experimenta. (Barbarin, 1993, McDermott & Spencer, 1997, citados por Steinberg, 2008)

Extrapolando para a realidade nacional, há estudos que demonstram igualmente que os problemas de comportamento na adolescência não têm a dimensão que é habitual dar-lhes. Ou seja, existem sim problemas na adolescência mas esses problemas não são normativos, são antes pertencentes a uma minoria. Porém, essa minoria manifesta-se perante a sociedade no geral, dificultando o seu dia-a-dia e das pessoas que as rodeiam, continuando a ser importante o seu estudo e a compreensão das suas causas. Ao conhecer estas causas, será mais fácil uma maior prevenção, nomeadamente no campo da terapia familiar (Sampaio, 2005).

1.5. - Problemas de Comportamento

Conforme demonstrado, a maioria dos problemas é de carácter transitório, pelo que convém distinguir entre a experimentação ocasional e padrões de longa duração.

Num período de desenvolvimento, durante o qual é normal e esperado que os indivíduos procurem a independência e que se explorem a eles próprios e às suas relações com os outros, é pouco surpreendente que algumas destas experimentações se tornem arriscadas (Siegel & Scovill, 2000).

Torna-se pertinente distinguir entre os problemas que começam na adolescência e os que começam em idades mais precoces.

Segundo Farrington (2004), a maioria dos adolescentes que tem problemas com a lei são sujeitos cujos problemas se iniciaram durante a infância. Muitos indivíduos que sofrem de depressão durante a adolescência, já sofreram outros tipos de problemas psicológicos durante a infância, tais como uma ansiedade excessiva. Por outras palavras, não é por existirem adolescentes com problemas que estes são um problema da adolescência.

Ainda, é importante referir que a maioria destes problemas não persiste na idade adulta. Problemas como o abuso de substâncias, a delinquência, e o desemprego são três bons exemplos que costumam seguir o seguinte padrão: muitos destes adolescentes, conseguem ultrapassar este problema quando chegam a adultos, ou seja, diminui o abuso, a delinquência e acabam por conseguir arranjar trabalho. Aqueles adolescentes que continuam a ter estes problemas em adultos, são indivíduos que já os tiveram na infância e continuaram a ter na adolescência. Porém, o facto de estes problemas tenderem a diminuir com a idade não torna a sua prevalência na adolescência menos significativa.

Torna-se, então, pertinente referir que os problemas que ocorrem na adolescência não são causados apenas pelo facto de serem adolescentes mas sim por um conjunto de contextos desta fase da vida.

A maioria dos especialistas do desenvolvimento (psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e conselheiros) distinguem normalmente três categorias de problemas psicossociais: abuso de substâncias, problemas internalizantes e problemas externalizantes (Achenbach & Edelbrock, 1987). O abuso de substância refere-se ao uso exagerado de droga, incluindo drogas legais tal como o álcool ou a nicotina; drogas ilegais tais como a marijuana, a cocaína e o ecstasy; o uso de drogas prescritas tais

como estimulantes ou sedativos. Os problemas internalizantes, por seu lado, encontram-se mais provavelmente em sujeitos que se isolam e ficam virados para si próprios, manifestando-se de forma cognitiva e emocional, assumindo a forma de depressão, ansiedade ou fobia. No outro extremo, os jovens com problemas externalizantes viram-se para fora, e evidenciam problemas de comportamento: a delinquência, a agressão anti-social, faltas à escola. Apesar de esta categorização ser importante, existem adolescentes que também têm problemas mas não se enquadram nestas categorias: problemas académicos como pouca motivação e atenção ou problemas com os pares (baixa popularidade, poucas capacidades sociais) (Wängby, Bergman & Magnusson, 1999).

Apesar de a distinção entre problemas internalizantes e externalizantes ser importante para organizar a informação de problemas psicossociais durante a adolescência, é importante referir que alguns adolescentes experimentam problemas que pertencem a ambas as categorias. Por exemplo, adolescentes que praticam delinquência mas manifestam comportamentos depressivos ao mesmo tempo (Beyers & Loeber, 2003; Capaldi, 1991, 1992; Garnefski & Diekstra, 1997; Hinden, Compas, Howell & Achenbach, 1997; Kiesner, 2002). Há, igualmente, muitos adolescentes depressivos ou ansiosos que também abusam do uso de substâncias e do álcool (Armstrong & Costello, 2002; Garnefski & Diekstra, 1997; Flisher e col., 2000; Henry e col., 1993). Muitos investigadores acreditam que é importante distinguir entre adolescentes que exibem um tipo específico de problemas (por exemplo, adolescentes deprimidos que não têm outros problemas internalizantes ou externalizantes), e adolescentes que exibem mais problemas dentro da mesma categoria (por exemplo, jovens delinquentes ou ansiosos-depressivos) e adolescentes que exibem tanto problemas internalizantes como externalizantes (por exemplo, delinquentes deprimidos). No geral, os estudos mostram que os jovens com problemas múltiplos, apresentam mais problemas familiares que aqueles com apenas um problema (Aseltine, Gore & Colten, 1998; Capaldi, 1992; Ge, Best, Conger, & Simons, 1996).

A existência de uma multiplicidade de sintomas justifica a necessidade de uma avaliação rigorosa e científica desses sintomas, para tal, torna-se importante recorrer a várias abordagens de classificação de problemas de comportamento. (Siegel & Scovill, 2000; Farrington, 2004; Achenbach & Edelbrock, 1987; Wängby, Bergman & Magnusson, 1999; Beyers & Loeber, 2003; Capaldi, 1991, 1992; Garnefski & Diekstra, 1997;

Hinden, Compas, Howell & Achenbach. 1997; Kiesner, 2002; Armstrong & Costello, 2002; Garnefski & Diekstra, 1997; Flisher e col., 2000; Henry e col., 1993; Aseltine, Gore & Colten, 1998; Capaldi, 1992; Ge, Best, Conger, & Simons, 1996; cit. por Steinberg, 2008).

1.5.1 Abordagens à Classificação de Problemas de Comportamento

Segundo Weiner (1995), os clínicos e investigadores devem ser capazes de compreender os benefícios da classificação psicopatológica, para chegar a um sistema de classificação claramente descrito, conceptualmente robusto e internamente consistente que forneça uma base válida para: (a) compreender a natureza e as origens de condições distintas, (b) utilizar métodos de avaliação que identifiquem com sucesso e discriminem entre essas condições e (c) implementar meios eficientes de as tratar e prevenir.

As três abordagens mais geralmente utilizadas na classificação do diagnóstico reflectem primordialmente quadros de referência clínicos, teóricos e empíricos (Weiner, 1995).

(A) Abordagens Clínicas

Numa abordagem clínica para classificação da psicopatologia, procuram-se as coincidências entre as manifestações das perturbações que observam nos seus pacientes e depois descrevem padrões de sintomas claramente recorrentes que constituem um síndrome.

Para tal, surgiu o Manual de Classificação para as Perturbações Mentais (DSM-III) que, discrimina os principais tipos de transtornos e, facilita a diferenciação entre a evolução natural destas perturbações e na sua resposta a tipos alternativos de intervenção. As investigações começaram a dar fruto sob a forma de manuais de terapia desenvolvidos especificamente para traduzir os diagnósticos do DSM em planos diferenciais de tratamento (Perry, Frances & Clarkin, 1990; Reid, 1989).

De acordo com a revisão de Achenbach (1988), a investigação já disponível corrobora a validade de constructo de muitos dos síndromas do então DSM-III (tendo já evoluído para o DSM-IV-TR) nos jovens, inclusive o autismo, perturbação de conduta, distúrbios de atenção e a depressão infantil. (DSM-III; Perry, Frances & Clarkin, 1990; Reid, 1989; Achenbach, 1988; citados por Weiner, 1995)

(B) Abordagens teóricas

As abordagens teóricas à classificação são identificadas, não na base dos seus sintomas manifestos mas, em vez disso, de acordo com os processos de personalidade inferidos que se crêem estar na origem de certos transtornos específicos. Tal como foi formulado basicamente, no quadro das conceptualizações psicodinâmicas do funcionamento da personalidade, as classificações de base teórica diferenciam as perturbações psicológicas apoiadas em considerações como (a) as forças relativas e as interrelações de várias estruturas inferidas da personalidade, (b) o estado de desenvolvimento dessas estruturas de personalidade com respeito a sinais de imaturidade, de pontos de fixação de regressão, (c) os tipos específicos de conflitos internalizados que um indivíduo parece estar a sofrer; e (d) os tipos de defesas psicológicas (Weiner, 1995).

(C) Abordagens empíricas

Enquanto que as abordagens clínicas ou teóricas da classificação se formam a partir de impressões, a classificação da psicopatologia empiricamente obtida começa com procedimentos experimentais. As caracterizações comportamentais de pessoas perturbadas, mais do que teorias do funcionamento da personalidade, proporcionam o ponto de partida para as categorizações empíricas da perturbação e as técnicas estatísticas multivariadas, mais do que os juízos clínicos, são usadas para determinar quais daquelas caracterizações se agregam e devem ser rotuladas como um tipo de transtorno.

A classificação empírica tem suscitado várias combinações de informação provenientes da história do caso, observações do comportamento, relatos pessoais e descrições feitas pelos pares, pais, professores e profissionais de saúde mental, as quais constituem dados brutos a ser objecto de análise de “cluster”. Pelo facto de terem sido utilizados para este fim muitos formatos diferentes de observação, inquéritos, escalas de avaliação e questionários, tempo houve em que os esforços empíricos de classificação variavam largamente.

A despeito da divergência das fontes, as conclusões das análises multivariadas estão a convergir, pelo menos, para identificar sete síndromas empiricamente determinados e claramente discriminados, em crianças e adolescentes, síndromas estes que têm diferentes correlatos de resposta etiológicos e de tratamento: agressivos, ansiosos/deprimidos, problemas de atenção, delinquentes, esquizóides, queixas

somáticas e isolamento (Achenbach, Conners, Quay, Velhust & Howell, 1989; citados por Weiner, 1995).

1.5.2 - Problemas de Externalização

Ao verificar os vários tipos de abordagem dos problemas de comportamento dos adolescentes, passa-se à diferenciação destes tipos, com enfoque na abordagem clínica (descrita anteriormente), principalmente estudada por Achenbach (1988, cit. por Weiner, 1995).

As Perturbações de Externalização são as perturbações de conduta, agressão e delinquência. Apesar dos respectivos problemas serem semelhantes, as suas definições são diferentes.

A primeira categoria dos problemas de externalização é a perturbação de conduta, que é um diagnóstico clínico que refere um repetitivo e persistente padrão de comportamento anti-social no qual os direitos dos outros ou as normas da sociedade são violadas, e, como resultado deste comportamento, o indivíduo tem problemas nas relações sociais, na escola ou no trabalho (Farrington, 2004). Segundo Farrington (2004), estima-se que 6-16% dos adolescentes rapazes e 2-9% das adolescentes raparigas sofrem de perturbações de conduta. As percentagens da prevalência desta perturbação têm aumentado nos últimos anos, porém é difícil de perceber porque é que isto acontece. A perturbação de conduta é muito estável entre a infância e a adolescência, mas metade de todos os indivíduos que são diagnosticados com a perturbação são diagnosticados em adolescentes. (Farrington, 2004, cit. por Steinberg, 2008)

Os indivíduos que foram diagnosticados com problemas de conduta, e que persistem no seu comportamento anti-social depois da idade dos dezoito anos, podem consequentemente ser diagnosticados com a perturbação de personalidade anti-social, a qual é caracterizada por um leque de comportamentos inadaptado, que não o capacitam a conviver com outros ou a obedecer às regras da sociedade. Alguns indivíduos com personalidade anti-social são denominados de psicopatas, ou seja, indivíduos que não são apenas anti-sociais no seu comportamento, mas também manipuladores, impulsivos, e indiferentes ao sentimento dos outros (Hare, 1991; cit. por Steinberg, 2008).

A agressão é a segunda categoria deste tipo de problemas, cujo objectivo é magoar intencionalmente outro. A agressão é um termo muito abrangente que inclui lutas

físicas, relações agressivas, e intimidação, e tanto pode ser planeado, como não planeado. É difícil estimar a prevalência da agressão durante a adolescência, porque é uma categoria recente. O comportamento agressivo decresce no processo de transição da infância para a adolescência, apesar de este comportamento ser mais grave quando praticado em adolescentes (Bongers, Koot, van der Ende, & Verhulst, 2004). Tal como a perturbação de conduta, a agressão é também estável ao longo do tempo, apesar de ser mais frequente em rapazes que em raparigas (Broidy e col., 2003). (Bongers, Koot, van der Ende, & Verhulst, 2004; Broidy e col., 2003; cit. por Steinberg, 2008)

A terceira grande categoria de comportamentos externalizantes é dos jovens Transgressores, que inclui a delinquência e o comportamento criminal. Ao contrário da perturbação de conduta e da agressão, os jovens transgressores definem-se de acordo com o sistema legal.

Uma grande proporção de jovens transgressores têm perturbação de conduta, e muitos são agressivos, mas nem todos os adolescentes que têm perturbação de conduta ou que são agressivos, são jovens transgressores, porque isso depende inteiramente de cumprirem ou não a lei.

1.5.3 - Problemas de Internalização

As mudanças e exigências da adolescência, podem levar a que os jovens se sintam sem esperança, confusos e pessimistas em relação ao futuro. Assim, a Depressão é o problema de internalização mais significativa na adolescência.

A Depressão é o distúrbio psicológico mais frequente nestas idades (Graber, 2004; Steinberg e col., 2006; Zahn-Waxler, Klimes-Dougan, & Slatetery, 2000). Apesar de habitualmente se associar a depressão a sentimentos de tristeza, existem outros sintomas que são sinais importantes deste distúrbio. A Depressão tem sintomas emocionais, incluindo a rejeição, a falta de prazer em actividades que anteriormente proporcionavam prazer, e baixa auto-estima. Tem sintomas cognitivos, tais como o pessimismo e a desesperança. Tem sintomas motivacionais, que incluem apatia e o aborrecimento. E, finalmente, normalmente a Depressão tem sintomas físicos, tais como a perda de apetite, dificuldades no sono, e perda de energia. Os sintomas da Depressão Major, são os mesmos na adolescência e nos adultos, e entre rapazes e raparigas, apesar de haver diferenças de género na sua prevalência (Lewinsohn, Pettit, & Seelet, 2003). (Graber,

2004; Steinberg e col, 2006; Zahn-Waxler, Klimes-Dougan, & Slatetery, 2000; Lewinsohn, Pettit, & Seelet, 2003; citados por Steinberg, 2008)

Muitas pessoas utilizam o termo “depressão” de forma imprecisa para referir um grande número de problemas afectivos. Os Psicólogos acreditam que é importante distinguir entre humor depressivo (estar triste), síndromes depressivos (múltiplos sintomas de depressão), e a perturbação depressiva (ter sintomas suficientes para se ser diagnosticado com Depressão) (Compas, Ey, & Grant, 1993; Graber, 2004; Petersen e col, 1993). Todos os indivíduos experimentam problemas de humor nalguma vez na vida. De acordo com um estudo de larga escala, aproximadamente 1/3 de todos os adolescentes sentem-se, por vezes, tão tristes e sem esperança que param de fazer as suas actividades regulares (Centers for Disease Control and Prevention, 2006). Tendo em conta outros estudos, cerca de 25% dos adolescentes sentem-se regularmente deprimidos (Avenevoli & Steinberg, 2001).

O Humor Depressivo, a Síndrome Depressiva e a Perturbação Depressiva tornam-se mais comuns na adolescência, em parte porque os acontecimentos stressantes aumentam durante esta fase da vida (Graber, 2004) e em parte porque as mudanças cognitivas dos adolescentes permitem uma introspecção e ruminação que muitas vezes acompanha a Depressão (Avenevoli & Steinberg, 2001; Chen, Mechanic & Hansell, 1998).

(Compas, Ey, & Grant, 1993; Graber, 2004; Petersen e col, 1993; (Centers for Disease Control and Prevention, 2006; Avenevoli & Steinberg, 2001; Graber, 2004; Avenevoli & Steinberg, 2001; Chen, Mechanic & Hansell, 1998; citados por Steinberg, 2008)

Depois de se verificar alguns problemas de comportamentos dos jovens e hoje em dia, compreende-se a importância de os enquadrar dentro do contexto familiar, de forma a conceptualizar e perceber melhor as razões e as influências que geraram este tipo de comportamentos. A abordagem à família será detalhada no capítulo que se segue.

Capítulo 2 - A Família

2.1 - O Conceito de Família

Conforme abordado anteriormente, a adolescência, é um período de alterações físicas, cognitivas e sociais, durante o qual se vai construindo a identidade, sendo a família o principal suporte emocional do indivíduo desde a infância, é possível afirmar que, se a criança estiver satisfeita com o seu ambiente familiar, irá, provavelmente, tornar-se num adolescente mais seguro de si.

Para compreender esta dinâmica de influências no interior da família, torna-se pertinente compreender previamente o significado de Família. Para isso, é importante referir que o ser humano é um ser social, isto é, apenas sobrevive em constante interação com o outro. Esta necessidade levou à formação de sistemas que permitissem ao indivíduo organizar-se e funcionar no seu dia-a-dia. Estes sistemas têm regras e limites próprios, tornando-se pequenas réplicas da sociedade mais abrangente. A Família é, conseqüentemente, um desses sistemas que, tendo características próprias, segue o seu funcionamento.

A Família “designa um conjunto de elementos emocionalmente ligados, compreendendo pelo menos três gerações, mas não só: fazem parte da família elementos não ligados por traços biológicos, mas que são significativos no contexto relacional do indivíduo ou indivíduos (...). Assim falaremos da família nuclear (pais e filhos) família extensa (família alargada com várias gerações) e de elementos significativos (amigos, professores, vizinhos, etc.)”. (Sampaio, 1984)

Salvador Minuchin (1974) entendeu a família como uma estrutura em torno de necessidades funcionais que organiza o modo como os elementos da família interagem. Estas interações ao longo do tempo formam padrões que se consagram nas leis da família.

Segundo o autor, “a família é um sistema aberto em relação dinâmica com o exterior. As alterações no contexto social da família levam não só à modificação desta como também determinam mudanças nos indivíduos que a constituem. O sintoma é considerado o produto de organização disfuncional do sistema familiar (...).

Olhando o sistema mais de perto, Minuchin considera-o subdividido em sub-sistemas, procurados a partir de gerações, sexos, interesses ou funções. Assim distingue-se por exemplo o subsistema parental, o subsistema filial, etc. Os limites defendem quem

participa no subsistema e como o faz. Nas famílias disfuncionais há frequentemente alterações dos limites, como por exemplo na situação em que diversos elementos da família invadem as funções que pertencem a outros (...).

A família funcional teria limites claros mas permeáveis, permitindo contacto entre os elementos dos subsistemas, mas mantendo a individualização das funções.

A clareza e a permeabilidade dos limites torna-se numa espécie de barómetro do funcionamento familiar”. (Minuchin, 1974; Sampaio, 1984; cit. por Sampaio, 2005)

2.2. - O Sistema Familiar

Observou-se anteriormente que a sociedade se organizou em sistemas para funcionar no seu dia-a-dia, assim sendo a definição de Hall e Fagen acerca do sistema familiar, é a seguinte (cit in Watzlawick, Beavin e Jackson, 1993, 109-110): “um sistema é um conjunto de objectos e das relações entre os objectos e os atributos, sendo que os objectos são os componentes ou partes do sistema e os atributos são as propriedades dos objectos. Enquanto os objectos podem ser indivíduos humanos, os atributos pelos quais são identificados são comportamentos comunicativos”.

A Família, tal como outros sistemas, possui estas características: 1) é composto por objectos e respectivos atributos e relações, 2) contém sub-sistemas e é contida por diversos outros sistemas ou supra-sistemas, todos eles ligados de forma hierarquicamente organizada e, 3) possui limites ou fronteiras que a distinguem do seu meio.

Enquadrada no conceito de “sistema”, a Família pode e tem sido objecto de estudos que deverão ter em consideração, segundo Hall e Fagen, o problema que se quer analisar e, consequentemente, a focagem nas “relações importantes ou interessantes” e a exclusão das relações “triviais ou supérfluas”.

Estas interações/relações ocorrem, segundo os fundamentos da terapia familiar (Alarcão, 2002), em quatro sub-sistemas: o individual, o conjugal, o parental e o fraternal; cujas fronteiras não são estanques, antes permeáveis, e em que cada indivíduo participa e pertence a diferentes sub-sistemas.

No entanto, é possível estabelecer uma hierarquia de sistemas (ou sub-sistemas) na família. Para tal, devem ser analisadas as relações horizontais (que ocorrem dentro do mesmo sub-sistema) e as verticais (que ocorrem entre sub-sistemas e sistemas). Esta hierarquia denomina-se “hierarquia sistémica”.

A complexidade da vida familiar provém das permanentes interações – já que não se pode reduzir a família à soma dos seus elementos ou dos seus atributos (características) – já que o comportamento de cada um dos seus membros é indissociável dos comportamentos dos restantes elementos, ou seja, o que o afecta, afecta todos no seu conjunto.

Estas considerações conduzem à necessidade de uma análise ecossistémica: o comportamento do indivíduo no contexto em que ocorre.

Enquanto sistema aberto, a Família recebe um conjunto de influências várias. Ao longo da sua evolução, o sistema familiar vai aceitando ou rejeitando estas influências, de acordo com as suas características e necessidades.

É importante referir que, dentro de um sistema familiar, existem forças fundamentais à sua manutenção: a primeira compreende as regras universais de organização familiar; a segunda, as expectativas específicas de cada família. (Hall e Fagen. cit por Watzlawick, Beavin e Jackson, 1993, 109-110; cit. por Alarcão, 2002)

Minuchin define a estrutura familiar como “uma rede invisível de necessidades funcionais que organiza o modo como os membros da família interagem”.

Esta “rede” ultrapassa os quatro sub-sistemas e as interações entre eles (horizontais e verticais).

Focando cada um deles; no sub-sistema individual, o indivíduo tem, além do seu estatuto e função na estrutura familiar, outras funções noutros sistemas, pelo que esta dupla pertença interfere e repercute-se na forma como está em cada um deles. O sub-sistema conjugal é vital para o crescimento dos filhos, por lhes servir de modelo relacional para futuras relações de intimidade. Um bom funcionamento deste sub-sistema implica uma complementaridade que não exclua uma zona intimidade, e o desenvolvimento de fronteiras que protejam o casal da intrusão de outros elementos e lhes permita lidar e gerir situações de stress.

É possível identificar, ainda, o papel do sub-sistema parental que, embora constituído pelos membros elementos, muda de funções, tendo como objectivos, a protecção e educação dos mais novos. É nas interações pais-filhos que as crianças aprendem o sentido de filiação e de pertença familiar. Este sub-sistema inclui, em algumas situações outros elementos além dos pais, como o(s) avó(s), tia(s), ou outros.

É no contexto do sub-sistema fraternal que se experimenta a socialização entre pares e se desempenham papéis que se extrapolam para o mundo extra-familiar: a escola, os amigos e o trabalho.

Através destes sub-sistemas torna-se possível verificar que existem diferentes tipos de famílias, no que diz respeito às fronteiras que se desenham entre os vários sub-sistemas e que podem assumir limites mais rígidos ou mais difusos.

Minuchin estabelece uma escala que parte de um polo de emaranhado - fronteiras difusas – a um polo desmembrado – fronteiras rígidas.

Num dos extremos, as “famílias emaranhadas” são famílias que criam o seu micro-cosmos e se fecham sobre si mesmas. Alimentam-se de uma exagerada preocupação entre os seus elementos, de uma ausência de fronteiras entre sub-sistemas e gerações. Pelo contrário, as fronteiras com o exterior são rígidas, o que acentua este “movimento interno” que pode dificultar as capacidades de autonomia em particular das gerações mais novas., cujas interações com o mundo exterior são encaradas como falta de lealdade para com o sistema familiar.

No extremo oposto estão as “famílias desmembradas” cujas fronteiras entre sub-sistemas internos são demasiado rígidas, em contraste com as que se estabelecem com o exterior, que são difusas. A comunicação entre sub-sistemas é fraca, e as funções de protecção próprias do sub-sistema parental estão diminuídas.

Os elementos destas famílias funcionam de forma individualista, o que não espelha uma verdadeira autonomia, mas antes aquilo que se designa como “cut-off” emocional.

As gerações mais novas são precocemente empurradas para a vida social, sem terem sido anteriormente socializadas em ambiente familiar protector. Estes jovens apresentam, frequentemente, comportamentos anti-sociais de externalização ou internalização.

Os dois tipos de família descritos são, evidentemente, tipos de funcionamento extremos, pelo que todas as famílias se situam num “continuum” que apenas é pontuado pelos dois polos descritos.

Minuchin afirma que, pelo facto de a generalidade dos funcionamentos familiares se situarem “algures” entre estes dois extremos, não existe uma diferença qualitativa entre famílias funcionais e famílias disfuncionais. Uma família funcional pode atravessar períodos de maior ou menor “emaranhamento”, dependendo das circunstâncias e das etapas do ciclo vital.

Por esta razão, Alarcão (2002) afirma que é fundamental situar a família no contexto cultural em que se insere e na sua história familiar, aquando da apreciação valorativa do seu grau de “emaranhamento”.

É, igualmente necessário ter em consideração que, em cada estrutura familiar, ocorrem “crises naturais” ou “crises acidentais”, o que causará “stress”, já que toda a mudança requer uma adaptação e reorganização.

As “crises naturais” – próprias das etapas do ciclo vital – por serem previsíveis, permitem uma adaptação menos dramática; as “crises acidentais”, pelo seu carácter de imprevisibilidade, podem ter efeitos mais nefastos.

Estas crises por acarretarem a necessidade de transformação e, consequentemente, da alteração de padrões de funcionamento, exigem do sistema familiar capacidade de compreender aquilo que a crise solicita e que é, de facto, alguma alteração do modelo relacional existente. (Minuchin, cit. por Alarcão, 2002).

2.3. - O Ciclo Vital

Existem vários autores que têm estudado as várias etapas do desenvolvimento familiar e Relvas elaborou uma definição bastante explícita do ciclo vital: “o desenvolvimento familiar reporta-se à mudança da família enquanto grupo, bem como às mudanças dos seus membros individuais (...) [e] o carácter desenvolvimentista desta abordagem reside especificamente na identificação de uma sequência previsível de transformação organizativa familiar, em função de tarefas bem definidas; a essa sequência dá-se o nome de ciclo vital e essas tarefas concretizam as suas etapas.”

O ciclo vital é, segundo a autora, composto pelas seguintes etapas: formação do casal, família com filhos pequenos, família com filhos na escola; família com filhos adolescentes, família com filhos adultos.

Os sub-sistemas conjugal e parental, embora possuindo um espaço e tempo próprios, interagem ao longo de todos os ciclos, a partir do momento em que o casal tem filhos. No entanto pode haver uma diferenciação temporal entre ambos: enquanto a conjugalidade pode ser interrompida, temporária ou definitivamente, por um dos cônjuges ou por ambos, a parentalidade dura uma vida inteira e nada pode anulá-la.

A primeira “crise natural” ocorre no sub-sistema conjugal, aquando do nascimento dos filhos. O espaço de intimidade, anteriormente conquistado, é afectado pelas alterações inerentes ao exercício de parentalidade.

Esta “crise” que estabelece a passagem da primeira etapa do ciclo vital da família à segunda exige que o sub-sistema conjugal saiba articular-se com as funções inerentes ao parental, sem, contudo, ignorar necessidades que uma conjugalidade saudável implica, de forma a não colocar em risco a sua permanência.

O casal terá como principais tarefas continuar as interações conjugais bem como o desenvolvimento individual de cada um deles e, simultaneamente, ajudar os filhos a crescer, socializando-os e possibilitando-lhes a construção de uma identidade própria que os levará a alcançar níveis crescentes de autonomia.

É nesta base que os pais equacionam o modelo educativo que pretendem seguir. Embora, em grande parte dos casais, as decisões relativamente à educação dos menores, resultem de acordos possíveis entre os dois elementos, há que ter em conta o facto de, cada um dos membros traga consigo, para a nova família, o modelo de parentalidade que absorveu na sua família de origem.

Estes modelos de parentalidade anteriores, que ambos os cônjuges transportam para a nova realidade, com maior ou menor consciência, reflecte-se também na fase do ciclo vital “família com filhos adolescentes”.

Esta nova fase é desafiante para todos os sub-sistemas pelas alterações comportamentais que os pais mais novos introduzem (já relatadas anteriormente). Neste período, é fundamental que a coesão conjugal não sofra vulnerabilidades próprias do que cada um dos pais experienciou nas suas famílias de origem, mas sim, que, em conjunto, identifiquem os aspectos positivos ou mais negativos do seu passado.

Todavia, este é um período de “crise natural”. O adolescente necessita, no seu dia-dia, cada vez menos dos pais, o que implica uma diminuição do tempo que passam juntos. O grupo de pares funciona, para o jovem, como um contentor de angústias e proporciona-lhe a experimentação de diversos papéis, a vivência de novos afectos e uma reorganização pessoal, ao nível de valores e ideias, que correlaciona o que adquiriu no passado, o que vive no presente e o que projecta para o futuro.

Nesta etapa é importante referir que a gestão do “poder” assume relevância. Os pais temem perdê-lo e os filhos pretendem alcançá-lo.

Para Relvas, numa família o poder entende-se como a influência de cada membro.

Se, para os jovens, esta é uma fase de afirmação de identidade, é inevitável concluir que podem existir “crises de poder” no seio da família.

Como resiste o sub-sistema conjugal às mudanças próprias deste ciclo de vida? O casal terá que (re)aprender a criar novos interesses, compromissos exteriores à função parental.

A tarefa não é fácil dado que, no ciclo anterior, o sub-sistema conjugal foi obrigado, pelas circunstâncias inerentes, a submeter-se ao sub-sistema parental, o que criou hábitos relacionais que resistem à transformação. Por outro lado, esta nova etapa é bastante exigente para a função parental dos progenitores que, embora num registo mais discreto, deve continuar a processar-se de forma efectiva. (Relvas, cit. por Alarcão, 2002)

E quando as famílias não são constituídas pelo triângulo pai, mãe, filho(a) que caracteriza as famílias nucleares “normais”?

A evolução da sociedade conduziu a transformações do ciclo vital estudado, já que passou a existir uma diversificação de configurações familiares – as “novas formas de família” – cuja constituição pode ir das famílias monoparentais às famílias reconstruídas.

José Gameiro, debruçou-se, em 1999, no que designou “família reconstruída”.

Estas novas famílias provêm de divórcio e confrontam-se com processo de desenvolvimento semelhante aos anteriormente descritos nas etapas do “ciclo vital” das famílias tradicionais.

No entanto, há singularidades a observar: nestas famílias podem coexistir várias etapas do ciclo vital, uma vez que os mais novos se podem encontrar em diferentes fases de crescimento e o sub-sistema fraternal pode oferecer desafios acrescidos. O factor “separação” pode persistir nos vários sub-sistemas familiares, uma vez que a separação/divórcio da situação anterior pode, eventualmente, colocar os membros da família em situação de alerta perante pequenas contrariedades.

No entanto, e apesar dos factores de risco referidos, as famílias reconstruídas também se podem construir como espaços de um bom crescimento individual e familiar.

Não é lícito afirmar que haja maiores desequilíbrios nestas famílias reconstruídas do que nas famílias “normais”, durante os períodos de transição entre os ciclos vitais. (Gameiro, 1999, cit. por Alarcão, 2000)

Capítulo 3 - O Funcionamento Familiar

A partir do momento em que a família é considerada um Sistema, com os sub-sistemas e suas interacções (von Bertalanffy, Burkley); tendo sido identificadas as várias etapas

do ciclo vital familiar, passar-se-á a abordar os vários tipos de “Funcionamento Familiar”, para cuja caracterização intervêm os vários tipos de recursos (pessoal, conjugal, familiar ou social).

Em 1976, Olson entendeu que a dinâmica familiar se podia conceber em função de três variáveis: a coesão, a adaptabilidade e a comunicação.

Através da identificação destas três dimensões e das múltiplas formas como se podem organizar, Olson descobriu dezasseis tipos de famílias.

Proceder-se-á à descrição destas três dimensões:

A coesão, sendo um conceito multidisciplinar e aplicado a outros contextos das ciências sociais, é pertinentemente adaptado ao contexto familiar.

Olson distinguiu quatro tipos de coesão:

- coesão desprendida: primazia do “eu”, ausência de união afectiva entre os familiares, ausência de lealdade à família e alta independência pessoal.
- coesão separada: primazia do “eu” sobre o “nós”, moderada união afectiva entre os familiares, certa lealdade e interdependência entre os membros da família, mas com alguma independência;
- coesão unida: primazia do “nós” sobre o “eu”, considerável união afectiva entre os familiares, certa lealdade, fidelidade entre os membros da família, mas com alguma dependência;
- coesão emaranhada: primazia do “nós”, máxima união afectiva entre os familiares, exigência de fidelidade e lealdade à família e alto grau de dependência perante as decisões tomadas em comum.

As famílias extremamente “emaranhadas” apresentam., em algumas ocasiões, problemas cuja gravidade exige uma intervenção clínica. Ou seja, o excesso de “coesão” pode originar situações de risco.

Tanto Hoffman como Minuchin se referiram aos sistemas “emaranhados” como aqueles que evidenciam um funcionamento mais complicado já que todos os membros são permanentemente envolvidos em cada problema que surja.

Compreende-se que assim seja, uma vez que não existe um verdadeiro respeito pela individualidade, necessário ao diálogo de uma relação madura.

Sendo a “coesão” a dimensão central do modelo de funcionamento familiar, esta é caracterizada como o vínculo emocional existente entre os membros da família, que não deve limiar o nível de autonomia individual que cada membro experimenta.

As famílias com um tipo de fusão “emaranhada” não possuem um nível de adaptabilidade flexível e/ou estruturada, limitando a autonomia individual.

No extremo oposto, as famílias cuja coesão é de baixa intensidade, proporcionam fracos vínculos familiares, o que pode comprometer a autonomia responsável dos seus elementos.

No centro, situam-se os modos de coesão equilibrados, em que os elementos da família, embora independentes, conservam a relação com todos os outros membros.

O conceito de “adaptabilidade familiar” é definido nos estudos de Olson, Sprenkel e Russel da seguinte forma: “É a habilidade de um sistema conjugal ou familiar para mudar a sua estrutura de poder, os papéis e as regras de relação, em resposta ao stress provocado por uma situação concreta e determinada pelo ciclo vital evolutivo de toda a família”.

Os autores deste estudo consideravam, como principais variáveis da adaptabilidade, a estrutura de poder familiar (assertividade e controlo), os estilos de negociação, as regras da relação e a retroalimentação (positiva e negativa).

Foram descritos, tal como para a coesão, quatro tipos de adaptabilidade:

- adaptabilidade caótica: ausência de liderança, mudanças de papéis aleatórias, disciplina irregular;
- adaptabilidade flexível: liderança partilhada, disciplina democrática e aceitação das mudanças necessárias;
- adaptabilidade estruturada: liderança e papéis ocasionalmente partilhados, um certo grau de disciplina democrática, e mudanças quando solicitadas;
- adaptabilidade rígida: liderança autoritária, papéis fixos, disciplina estrita e ausência de mudanças.

Olson parte da hipótese inicial que, para existir um equilíbrio fluido entre mudança e estabilidade, deverá existir um estilo de comunicação que seja mutuamente assertivo, uma liderança mais ou menos igualitária, circuitos de retroalimentação positivos ou negativos e regras explicitamente partilhadas.

Este equilíbrio é mais visível nos sistemas familiares que se encontram no centro desta dimensão, sendo que as famílias mais disfuncionais se encontram nos extremos da mesma dimensão e têm mais problemas ao longo do seu ciclo vital.

Uma família aberta distingue-se pela capacidade dos seus membros de equilibrar independência com união. Os indivíduos têm liberdade para estar mais unidos ou isolados, conforme o seu desejo.

A comunicação entre os vários elementos, nestas famílias abertas, é de qualidade já que há um maior respeito pela individualidade, sem desvalorizar a união. Conclui-se então que a comunicação é a variável mediadora da coesão e da adaptabilidade. (von Bertalanfly, Burkley; Olson, 1976; Hoffman e Minuchin; citados por Polaino-Lorente e Martínez Cano, 1998)

Capítulo 4 – Estilos e Práticas Parentais Educativas

Tendo como ponto de referência o Funcionamento Familiar anteriormente estudado, torna-se pertinente fazer referência aos estilos e às práticas parentais.

Segundo Darling e Steinberg (1993, cit. por Pereira, 2009), os estilos são inferidos através das práticas parentais, as quais se dirigem a objectivos de socialização bem definidos, mas os estilos caracterizam-se ainda por outras características do comportamento parental que influenciam a afectividade, ainda que sejam dirigidos directamente à socialização dos filhos.

Desta forma, um estilo parental transmite ao jovem a atitude dos seus pais em relação a si e não em relação ao seu comportamento.

As práticas parentais, por seu lado, direccionam-se especificamente a um objectivo, através do qual os pais exercem a sua função.

Neste sentido, Pereira (2009) fornece um exemplo bastante elucidativo do que são as práticas parentais: “com o objectivo de promover uma auto-estima positiva na criança os pais podem envolver-se em diferentes práticas, como assistir a acontecimentos que revelam o seu interesse pelas actividades do filho”.

E por isso, apesar de este estudo ser mais concretamente acerca destas práticas, não é possível dissociá-las dos estilos parentais: “os estilos parentais são considerados como variáveis do contexto familiar, que afectam a eficácia das práticas educativas mais específicas.” (Darling e Steinberg, 1993, cit. por Pereira, 2009)

4.1. - Estilos Parentais Educativos

Partindo do princípio que os estilos afectam as práticas e que são variáveis do contexto familiar, Rollim e Thomas, definem uma dimensão básica: o suporte, caracterizando-o como o comportamento que os pais têm perante os filhos para que se sintam confortáveis na sua presença, confirmando que são aceites e aprovados pelos progenitores. A dimensão controlo (já integrada na adaptabilidade familiar), por outro lado, é definida, pelos mesmos autores, como o comportamento que os pais assumem perante os filhos o intuito de os levarem a comportar-se conforme os seus padrões. O controlo, tal como aferido na adaptabilidade familiar, é uma dimensão primordial para a função da socialização dos filhos (Cummings e col., 2000; Maccoby & Martin, 1993). A associação desta dimensão com a adaptabilidade prende-se com o facto de ser um

mecanismo que promove a aceitação de regras e normas sociais, fornecendo a capacidade para viver em grupo e em sociedade.

Os estudos acerca do controlo (Barber, 1995; Cummings e col., 2000; Steinberg, 2005), encontraram dois tipos básicos: o controlo comportamental e o controlo psicológico.

O controlo comportamental indica que os pais procuram ser eles a gerir o comportamento do seu filho e este tipo de controlo é manifestado pelos pais por uma panóplia de comportamentos: “a comunicação de regras de conduta, acções que visam o cumprimento por parte dos filhos, monitorização e supervisão” (Cummings e col. 2000).

Quando os pais exercem um tipo de controlo comportamental excessivo, é mais provável que os seus filhos apresentem problemas de externalização (Barber e col., 1994; Barber, 1996; Steinberg, 2005).

O controlo psicológico, por seu lado, refere-se a um modo intrusivo e coercivo, que os pais exercem com recurso a técnicas de manipulação da emoção, interferindo por isso com o desenvolvimento emocional dos filhos (Barber, 1996; Steinberg, 2005).

Tal como abordado no capítulo da Adolescência, quando o jovem se desenvolve em todos os campos da sua vida, nomeadamente quando chega ao estágio das operações formais (no capítulo este estágio é referido como pensamento adolescente), aumenta também a sua capacidade de constatação da possibilidade de optar e divergir das opções dos pais. Nesta etapa do desenvolvimento, uma autoridade vista sem justificação, terá como consequência efeitos contrários na auto-estima, competência e individuação do jovem (Baumrind, 1991a). Por isso, considera-se que as formas mais eficazes de exercer o controlo na adolescência são: a utilização da razão, discussão de valores e modelagem.

Os pais menos competentes quanto à utilização de uma forma racional de controlo, podem interferir no desenvolvimento da autonomia psicológica e do sentido de identidade e avaliação do próprio enquanto ser competente e autónomo.

As investigações de Morris, Steinberg, Sessa, Aveneloni, Silk e Essex (2002) constatarem três domínios nos quais os pais exercem controlo: cognição, emoção e comportamento.

A abordagem dimensional dos estilos parentais tem a vantagem de considerar as contribuições únicas e específicas de cada uma das dimensões dos estilos parentais educativos no desenvolvimento adaptativo da criança e adolescente.

Do ponto de vista tipológico, por outro lado, estão definidos dois pressupostos acerca do comportamento parental (Caren e col., 2006; O'Connor, 2002): “os comportamentos parentais estão correlacionados entre si (por exemplo, os pais que são afectuosos também utilizam estratégias positivas de controlo), e por isso, os comportamentos parentais devem ser considerados em grupo e não separadamente; os efeitos de uma dimensão do comportamento parental são dependentes do nível de outra dimensão do comportamento parental e, assim, as tipologias devem considerar múltiplos comportamentos parentais”.

(Rollim e Thomas; Cummings e col., 2000; Maccoby & Martin, 1993; Barber, 1995; Cummings e col., 2000; Steinberg, 2005; Cummings e col. 2000; Barber e col., 1994; Barber, 1996; Steinberg, 2005; Barber, 1996; Steinberg, 2005; Baumrind, 1991a; Morris, Steinberg, Sessa, Aveneloni, Silk e Essex, 2002; Caren e col., 2006; O'Connor, 2002; citados por Pereira, 2009)

4.1.1 A tipologia de Baumrind

Baumrind (1960) elaborou um estudo longitudinal, inicialmente com crianças, com o objectivo de caracterizar os estilos parentais através de uma abordagem tipológica.

O seu estudo tinha como principal premissa o conhecimento dos percursos ao nível do comportamento parental da criança, em famílias saudáveis.

Os seus resultados permitiram-lhe constituir padrões, tendo-os definido teoricamente com vista a constituir grupos contrastantes de famílias correspondentes a definições mais precisas dos padrões de autoridade.

Deste modo, foi possível definir quatro padrões de autoridade, dos quais dois se caracterizam pelo alto controlo – apoiante com autoridade e autoritário – e dois por baixo controlo – permissivo e não conformista.

O estudo de Baumrind realizou-se com crianças no período pré-escolar, e permitiu a concretização do seu objectivo inicial: “caracterizar o comportamento parental, através dos comportamentos destes. Crianças com padrões rígidos de comportamento teriam pais com padrões de alto controle no exercício da sua função parenta (padrão autoritário):” Pode-se, aqui, fazer correspondência com famílias “emaranhadas” e com adaptabilidade rígida, anteriormente descritas no “Funcionamento Familiar”, pela valorização que estes pais dão à obediência, ao respeito pela autoridade e à preservação da ordem e da estrutura familiar tradicional.

Para além disso e como na adaptabilidade rígida, este tipo de pais não encoraja a troca de opiniões, acreditando que as crianças devem aceitar a palavra dos pais como incontestáveis. Os pais com padrão “apoiantes com autoridade”, orientam os filhos de forma racional e valorizam a troca de ideias acerca de atitudes, incentivam os filhos a dialogar sobre as razões do seu não conformismo, sem deixarem de lhes incutir regras fundamentais à adaptação social. Estas crianças apresentam comportamentos responsivos, empenham-se na realização das suas tarefas de uma forma activa, exprimindo as suas opiniões e respeitando a disciplina.

Os pais cujo estilo parental se inclui no padrão “permissivo”, por não promoverem a autonomia dos seus filhos, pelo carácter aceitante e não punitivo da sua função parental, geram crianças imaturas, indisciplinadas e com dificuldades de adaptação social.

Baumrind (1991a, 1991b) adoptou este estudo à realidade adolescente, tendo sido a amostra constituída por 139 de catorze anos e as suas respectivas famílias.

Recolheram-se dados relacionados com a competência geral, autonomia, comportamento pró-social, problemas de comportamento internalizado, problemas de comportamento externalizado e abuso de substâncias.

No que diz respeito ao comportamento parental, Baumrind identificou três principais escalas que foram a base da classificação das famílias, e uma quarta que permitiu subdividir o tipo directivo. São as seguintes: controlo directivo convencional, caracterizado pelo recurso a estratégias de controlo autoritárias (adaptabilidade rígida); controlo assertivo, associado a um controlo firme, uma monitorização adequada da vida do adolescente e recurso ao confronto quando necessário (este tipo de controlo enquadra-se nas famílias de coesão unida e adaptabilidade estruturada); e, o controlo apoiante, caracterizado pelo recurso ao uso da razão de forma a alterar o comportamento, tendo ainda o objectivo de interiorização dos valores parentais, e, simultaneamente, a aceitação da individualidade do filho. Estes pais conseguem uma relação próxima com o filho.

Por último, a quarta escala designada controle intrusivo apresenta como principal objectivo, a sobreprotecção, e interfere na autonomização dos adolescentes. Esta escala corresponde aos tipos de família com coesão emaranhada por existir um alto grau de dependência entre os seus membros.

Os adolescentes oriundos de famílias com controlo assertivo e apoiante, revelaram maior capacidade de competência e comportamento pró-social e menor prevalência de problemas de internalização e de abuso de substâncias.

O tipo de famílias democráticas, por seu lado, apresentaram valores médios no que respeita ao controlo assertivo; sendo que estes adolescentes, comparados com os da família anterior, não eram menos competentes, pró-sociais e autónomos, embora alguns apresentassem mais problemas com abuso de substâncias.

É possível, perante os dados demonstrados, afirmar que os dois tipos de família acima referidos são os mais eficazes no que respeita ao funcionamento familiar.

Por outro lado, os adolescentes de famílias “suficientes quanto basta”, apresentaram valores médio-baixos nas três dimensões.

As famílias directivas com filhos adolescentes, tinham resultados médio-baixos ou baixos no controlo apoiante, tendo consequentemente níveis menos elevados de competência geral e comportamento pró-social do que as famílias apoiantes com autoridade e tinham menos problemas de abuso de substâncias do que as famílias democráticas.

Este padrão directivo foi associado, por Baumrind, a pais autoritários que eram intrusivos e pais não autoritários que apresentavam uma intrusividade média.

Os adolescentes do primeiro grupo tinham níveis médio-baixos de competência, mas apresentavam mais problemas de internalização comparativamente a todos os grupos de adolescentes, com excepção dos adolescentes de famílias desligadas (ou separadas): Estes jovens apresentaram ainda mais problemas de abuso de substâncias que aqueles que pertenciam a famílias apoiantes com autoridade ou directivas, mas não mais que os que vinham de famílias democráticas ou desligadas.

Por último, os adolescentes com famílias desligadas/não envolvidas revelaram um fraco controlo apoiante e assertivo, tornavam-se menos pró-sociais e individualizados, sofrendo consequentemente de mais problemas de internalização e de externalização, abuso de substâncias.

Num outro estudo, Baumrind (1991b), chegou à conclusão que os adolescentes se desenvolvem mais facilmente quando as famílias praticam atitudes pertencentes às apoiantes com autoridade e democráticas. Os pais directivos que são autoritários contribuem mais para problemas de internalização e são menos sucedidos para prevenir o abuso de substâncias por parte dos filhos. Por seu lado, os pais directivos que não são

autoritários são mais eficazes na prevenção do abuso de substâncias mas não promovem competência positiva.

Segundo Pereira (2009), as conclusões dos estudos realizados por Baumrind permitiram a definição dos estilos parentais educativos, explicando que várias formas de controlo podem ser relacionadas ao funcionamento adaptativo nas várias etapas de desenvolvimento.

Em resumo, a tipologia de Baumrind baseia-se na caracterização da função mais abrangente que é o controlo; distinguindo-a em três tipos qualitativamente distintos: o permissivo, o autoritário e o apoiante com autoridade.

(Baumrind, 1960; Baumrind, 1991a, 1991b, cit. por Pereira, 2009)

Em jeito de síntese, é possível, após a revisão bibliográfica, passar à elaboração do objectivo de estudo que serão confirmados ou infirmados após a análise estatística.

O objectivo primordial deste estudo exploratório é a análise da relação entre o funcionamento familiar, as práticas parentais e o comportamento dos adolescentes.

Para a concretização deste objectivo, elaborou-se uma hipótese geral de modo a orientar a análise estatística: as práticas parentais e o funcionamento familiar influenciam o comportamento dos adolescentes.

Capítulo 5 – Método

5.1. - Participantes

A amostra do presente estudo foi de conveniência, englobando adolescentes do sexo feminino e masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos. Os critérios de inclusão para a participação dos sujeitos serão: pré-adolescentes e adolescentes, em contexto escolar, com idade igual ou superior a 11 anos e que saibam ler e escrever.

5.1.1 - Dados SocioDemográficos

As escolas nas quais foram aplicados os Protocolos de Investigação para a concretização do presente estudo são a E.B. 2/3 D.José I, sede do agrupamento de escolas do Alto do Lumiar e a Escola E.B. 2/3 Eugénio dos Santos, igualmente sede de um agrupamento com o mesmo nome.

De seguida, passar-se-á a uma descrição sumária dos Projectos Educativos das referidas escolas de modo a fundamentar as comparações efectuadas ao longo da análise estatística. Estas escolas situam-se em duas áreas distintas, no que respeita ao seu meio envolvente e características sócio-demográficas das famílias que nelas habitam.

A escola D.José I situa-se na Freguesia do Lumiar e tem actualmente bons acessos rodoviários, incluindo metropolitano, desde 27 de Março de 2004. A estação situa-se entre a estrada da Torre, a Rua República do Paraguai e a Rua Cordeiro Ferreira, onde se localizam os seus cinco acessos.

Todos os bairros constituintes deste agrupamento escolar surgiram nos anos setenta, resultantes, ou de realojamentos de um incêndio ocorrido na Charneca ou de desastres naturais, em terrenos cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa.

Após o 25 de Abril de 1974, devido à descolonização portuguesa, os bairros começaram a ser ocupados por famílias africanas.

Actualmente, a Câmara Municipal de Lisboa continua a construir, nesta freguesia, edifícios destinados à habitação social, no âmbito de vários programas especiais de realojamento, inseridos no projecto da Alta de Lisboa. Desde Junho de 1997 até ao presente ano, foram já entregues várias casas a famílias provenientes do bairro da Musgueira Sul, Musgueira Norte, Quinta Grande, Quinta do Louro, Quinta da Pailepa e Bairro Novo das Galinheiras.

Devido a esta situação sócioeconómica, o Bairro da Cruz Vermelha vive uma fase de alguma tensão e conflituosidade, uma vez que coabitam, por vezes no mesmo prédio, famílias oriundas de vários bairros, trazendo consigo as rivalidades e conflitos já existentes.

Existem vários problemas no referido bairro desde há alguns anos, tendo-se intensificado a prática de actividades ilícitas, o que prejudica directamente as crianças, já que um número significativo tem irmãos e/ou um, ou ambos, os pais detidos. Compreende-se deste modo, que o ambiente da Escola não pode deixar de ser afectado com estas situações, uma vez que elas, naturalmente, se reflectem no comportamento e nas aprendizagens destes alunos.

As famílias são, na sua maioria, pertencentes a uma classe baixa ou média-baixa.

O facto de existir um elevado número de famílias a beneficiar do Rendimento Social de Inserção, o que, dada a precariedade dos empregos (falta de descontos para a Segurança Social) cria, por vezes, algumas situações de injustiça e de conflituosidade (já anteriormente referidas).

Os dados estatísticos deste projecto educativo referem que, praticamente toda a população realojada da área sujeita a inquérito apresentava no final de 2004 um elevado grau de vulnerabilidade a situações de exclusão social. Quase 14% das famílias auferia rendimentos líquidos mensais por adulto equivalente (RLMAE)⁵ inferiores a 150 Euros, cerca de 40% entre 150 e 299 Euros, 37% entre 300 e 600 Euros e apenas 10% dispunham de 600 ou mais Euros. Em oito dos treze blocos em estudo, metade ou mais dos agregados familiares dispunham de RLMAE inferior a 300 euros, a chamada linha de pobreza (situação mais grave nos PER 9, 10 e 7); no conjunto, significa 53,1% das famílias e 54,8% das pessoas. Em síntese, foram identificados sete grupos que apresentam maior taxa de risco de pobreza e exclusão social: ciganos, famílias numerosas, imigrantes e minorias étnicas de origem imigrante, desempregados, crianças e jovens, mulheres (sobretudo as domésticas) e indivíduos não escolarizados.

É de destacar que, de entre as três freguesias, são praticamente inexistentes no Agrupamento alunos que não provenham de bairros de realojamento social, AUGI ou habitações degradadas o que contraria o esforço de integração promovido pela autarquia. Neste contexto há ainda a referir um tecido institucional muito rico e diversificado que compreende mais de 30 organizações de base local, colectividades,

IPSS e serviços públicos que, na sua maioria, têm as suas origens nos bairros degradados onde vivia a população.

O Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar tem como sede a Escola E.B. 2,3 D. José I e é constituído pelas seguintes escolas: Escola E.B. 2,3 D. José I, Escola E.B. 1/JI n.º 34 e Escola E.B. 1/JI n.º 91 e E.B.1 Maria da Luz de Deus Ramos/ JI Charneca nº 2.

Actualmente, a população escolar do Agrupamento é constituída por um significativo número de alunos de diversas etnias e também de diferentes contextos sócio-culturais.

Os alunos deste Agrupamento de Escolas demonstram, em geral, uma grande desmotivação em relação à vida escolar. Não valorizam as aprendizagens, têm baixas expectativas em relação ao futuro e têm um acompanhamento muito deficiente por parte das famílias.

Tendo em conta este contexto, o Agrupamento propõe que se crie um projecto adequado às necessidades e ambições dos discentes. O grande princípio orientador deste Projecto Educativo (PE) deverá ser, por isso, a integração plena destes alunos na sociedade, procurando-se estimular o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, facultando-lhes, não só um conjunto de conhecimentos científicos, mas também uma educação cívica que facilite essa integração.

No que respeita ao Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (a segunda escola à qual foi aplicado os inquéritos), O Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (AEES) apresenta-se como um documento estruturante, que consagra a orientação educativa do Agrupamento para um horizonte temporal de três anos.

O Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos foi constituído no ano lectivo 2004/05 e integra cinco estabelecimentos de ensino: EB 2,3 Eugénio dos Santos, EB1/JI Santo António, EB1 Fernando Pessoa, EB1 Bairro de S. Miguel e EB1 Rainha D. Estefânia.

A EB2,3 Eugénio dos Santos (947 alunos) Situa-se na freguesia de S. João de Brito. Segundo o Projecto Educativo deste agrupamento, frequentaram o AEES 1768 alunos, com idades compreendidas entre os 3 e os 17 anos, distribuídos pelos cinco estabelecimentos de ensino.

O Jardim-de-infância foi frequentado por 87 crianças, o 1.º Ciclo por 734 alunos, o 2.º Ciclo por 547 alunos e o 3.º Ciclo por 400 alunos, com a seguinte distribuição por escolas.

Ainda dentro dos dados recolhidos pelo projecto, é possível observar que muitos dos alunos têm expectativas elevadas face ao seu percurso escolar e respectivos resultados, o que se relaciona, em parte, com o nível de instrução dos encarregados de educação (mais de 40% são diplomados pelo ensino superior). Este facto favorece o acompanhamento do processo educativo. No entanto, existem ainda alguns pais e encarregados de educação sem escolaridade (2% e 3%).

No que respeita às atitudes / comportamentos dos alunos não se verificam situações verdadeiramente graves.

Da análise dos questionários de que se destacaram anteriormente apenas alguns dados estatísticos e das evidências da experiência diária podemos concluir que: a população discente do AEES apresenta alguma heterogeneidade do ponto de vista sócioeconómico e de valores.

Em jeito de conclusão, é possível observar, através dos dados referidos que existem muitas diferenças significativas no que respeita a questões sócio-culturais, entre as duas escolas nas quais foram aplicados os inquéritos deste estudo, o que implica as diferenças comportamentais que mais tarde irão ser referidas.

Os dados sociodemográficos referentes a esta amostra, serão apresentados na seguinte tabela (tabela 1).

Tabela 1: Características Sociodemográficas da Amostra em Estudo

	Sexo Masculino (N=62)		Sexo Feminino (N=61)		X ²
	N	%	N	%	
Escola					12.366
1	21	33.9	21	34.4	
2	41	66.1	40	65.6	
Nacionalidade					16.933
Portuguesa	57	91.9	47	78.3	
Romena	1	1.6	1	1.7	
Angolano	2	3.2	0	0	
Brasileira	0	0	3	5	
Moldava	0	0	1	1.7	
S.Tomé e Príncipe	0	0	4	6.7	
Cabo Verdiano	0	0	3	5	
Guineense	1	1.6	0	0	
Checa	0	0	1	1.7	
Moçambicano	1	1.6	0	0	

Com quem vive				.633
Família Nuclear	40	65.6	36	60
Família	16	26.2	17	28.3
Monoparental				
Família	4	6.6	6	10
Reconstruída				
Avós e/ou Tios	1	1.6	1	1.7

*p≤05 **p≤.01 *p≤.001

5.2. - Medidas

As medidas utilizadas neste estudo são: o Questionário de Ligação Parental – Forma Adolescente (QLP-A), adaptado por Baptista, Negrão, Lory & Carvalho (1997), o FACES III, de D.H.Olson, J.Portner, Y Lavee (1985); versão portuguesa de A.L.Roma Torres, R.Curral & F.Dourado, e o Youthselfreport de Thomas Achenbach (1991).

5.2.1. - QLP-A

O Questionário de Ligação Parental – Forma Adolescente (QLP-A), adaptado por Baptista, Negrão, Lory & Carvalho (1997) a partir do Parental Bonding Instrument (Parker, Tupling & Brown, 1979) será utilizado para medir a ligação parental em jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, através de três dimensões que avaliam as percepções dos sujeitos face às práticas parentais educativas: Carinho; Autonomia e Protecção. Estas três dimensões explicam 56.3% e 52.3% da variância total do modelo, respectivamente para os valores do pai e da mãe. A dimensão “Carinho” é constituída por 12 itens que sugerem: afecto, empatia e proximidade; a dimensão “Autonomia” é constituída por 5 itens que sugerem promoção de independência e autonomia; e a dimensão “Protecção” é constituída por 6 itens que sugerem controlo, super protecção, intrusão, contacto excessivo, infantilização e prevenção do comportamento independente. Ao todo são contabilizados 25 itens, avaliados separadamente para o pai e para a mãe numa escala de 4 pontos, que varia de “nada parecido” a “muito parecido”.

No que respeita às qualidades psicométricas, e tomando como referência o estudo realizado por Baptista e Lory (1997), nota-se que o questionário apresenta uma boa homogeneidade dos itens (as correlações item-total apresentam valores aceitáveis: na escala “carinho” variam de 0.63 a 0.75 para o pai e de 0.54 a 0.73 para a mãe; na escala

“autonomia” variam de 0.58 a 0.67 para o pai e de 0.35 a 0.60 para a mãe; na escala “protecção” variam de 0.37 a 0.61 para o pai e de 0.34 a 0.58 para a mãe), o que demonstra boa garantia de resultados precisos.

Nesta medida, os valores apresentados pelo α (verificados no contexto da aplicação dos protocolos de investigação), para cada um dos pais são elevados. Para o QLPA-PAI, o α foi de .877 e para o QLPA-MÃE de .824, concluindo-se assim que a fiabilidade é aceitável por se encontrar acima dos .70, e é coerente com a caracterização da medida, anteriormente descrita

5.2.2. - YSR

O comportamento dos adolescentes foi avaliado pelo Inventário YouthSelf Report, desenvolvido por T.M. Achenbach (1991), cuja versão portuguesa pertence a Fonseca e colaboradores (1994). Este Inventário pretende descrever e avaliar as competências sociais e os problemas de comportamento da criança/adolescente, através de auto-relato. O YSR é um questionário de auto-avaliação para jovens entre os 11 e os 18 anos, com o objectivo de descrever de forma simples os comportamentos problemáticos do adolescente. As respostas devem cotar com 0 (a afirmação não é verdadeira), 1 (a afirmação é algumas vezes verdadeira) ou 2 (a afirmação é muito verdadeira), tendo em conta os últimos 6 meses. As questões do YSR foram elaboradas de forma a obter-se a percepção do jovem sobre si mesmo e em relação às suas competências ou dificuldades individuais ou grupais.

Os 112 itens que se referem a comportamentos problemáticos agrupam-se em 8 categorias: 1) Isolamento: está associado a mal-estar interpessoal e energia reduzida, que conduzem frequentemente o adolescente a evitar determinados contactos sociais e a ser mais reservado; 2) Queixas somáticas; 3) Ansiedade e Depressão; 4) Problemas Sociais: encontra-se relacionado, essencialmente, com a qualidade das relações interpessoais e a aceitação social; 5) Problemas de Atenção, está associado ao diagnóstico categorial de perturbação de hiperactividade e défice de atenção; 6) Problemas de Pensamento: pode surgir elevado em perturbações psicóticas ou em quadros obsessivo-compulsivos; 7) Comportamento Agressivo: este factor representa um comportamento de desafio aberto e surge associado, entre outras, às perturbações de desafio ou oposição e da conduta; 8) Comportamento Delinquente: trata-se de um comportamento de desafio mais interiorizado, associado a características típicas das perturbações de conduta e do comportamento desviante.

Para extrair estas categorias, Achenbach (1991) realizou várias análises factoriais com amostras clínicas, dada a variabilidade das respostas aos itens ser superior nesta por comparação às amostras normativas. Estas, permitiram evidenciar 8 síndromas clínicos. O autor efectuou, ainda, análises factoriais de segunda ordem, que permitiram extrair dois factores – um factor designado de “Externalização” e outro factor designado de “Internalização”. O primeiro corresponde a síndromas cujas problemáticas incidem em conflitos com o ambiente, enquanto que os problemas de internalização envolvem, essencialmente, conflitos com o self. Para além dos comportamentos problemáticos, este instrumento contém ainda um grupo de itens relativos a um conjunto de competências – escolares, de actividades e sociais. Os valores da consistência interna do YSR variam entre .70 e .80.

No presente estudo, os comportamentos dos adolescentes irão seguir as análises factoriais de segunda ordem de Achenbach, e serão incluídos nas duas categorias anteriormente referidas: Externalização e Internalização.

Quanto a resultados específicos, segundo uma análise quantitativa, divide-se o inventário em 6 factores: o anti-social, problemas de atenção/hiperactividade, ansiedade/depressão, isolamento, queixas somáticas e, problemas de comportamento/esquizóide.

A análise qualitativa deve ser feita item a item.

Relativamente a esta medida, o α adquirido após a aplicação do protocolo, é de .891, indicando valores altos de fiabilidade, fazendo com que a medida seja aceite.

5.2.3. - FACES III

Para medir o Funcionamento Familiar, aplicou-se o FACES III.

Inicialmente, foi elaborado o FACES, que com uma revisão resultou no FACES II e, mais tarde, no FACES III de D.H.Olson, J.Portner, Y Lavee (1985); versão portuguesa de A.L.Roma Torres, R.Curral & F.Dourado (1999). Esta escala explora a coesão e a adaptabilidade familiar, previstas pelo modelo circumplexo de Olson e colaboradores (1985). A Coesão familiar defini-se pelas ligações afectivas que existem entre os vários elementos da família e a Adaptabilidade Familiar pela mudança que o sistema opera na liderança, nos papéis e regras, em resposta a situações de stress ou crise familiar.

Com este instrumento, tornou-se possível a elaboração de uma tipologia de acordo com os diversos modos de funcionamento familiar.

A FACES III pode ser administrada a qualquer família e a qualquer etapa do ciclo vital, sendo permitida a sua aplicação a indivíduos a partir dos 12 anos de idade.

As normas e os pontos de corte oferecidos pelos autores fazem referência aos pais, ao longo de todos os estádios do ciclo vital; aos pais e adolescentes, nas etapas de início da adolescência; e aos casamentos jovens sem filhos.

Os domínios teóricos, tal como já foi referido partem do modelo circumplexo de Olson; avalia a família completa; o foco da avaliação passa pelo percebido e ideal, em termos de satisfação; tem duas escalas de 20 itens (percepção) e outras 20 (ideal); como normas, mostra normativa: $n=2453$ adultos em todo o ciclo vital, mostra clínica: $n=412$ adolescentes com problemas. Validade aparente: correcta; validade de conteúdo: correcta; correlação entre as escalas: $r=0,03$; correlação com a desejabilidade social, para adaptabilidade: $r<0,001$, para coesão: $r=0,03$; validade concorrente: não há dados; correlação entre familiares: $n=370$ (pais, adolescentes), coesão: $r=0,41$, adaptabilidade: $r=0,25$; discriminação entre grupos: muito boa; aplicação clínica, utilidade: grande; correcção: muito fácil; escala de avaliação clínica: sim, aconselhável.

As qualidades psicométricas da escala original são aceitáveis: os coeficientes de fiabilidade são altos (consistência interna para a coesão: $r=0,07$; para a adaptabilidade: $r=0,62$; total: $r=0,68$. Teste, re-teste, com a FACES II [4-5semanas], coesão: $r=0,83$; adaptabilidade: $r=0,80$).

Ainda, numerosas investigações têm demonstrado de forma consistente, a sensibilidade destas escalas para discriminar entre famílias problemáticas e não problemáticas, na direcção prevista.

Como se hipotetizava no modelo circumplexo, as famílias sem problemas são famílias equilibradas, ao contrário das famílias com problemas cujas pontuações na escala se situam nos extremos. No ponto de vista clínico, a FACES III presta uma valiosa colaboração na área de orientação para o trabalho terapêutico.

Resumidamente, a FACES III é um instrumento com altos níveis de fiabilidade, validade e utilidade clínica.

A versão portuguesa da medida realizada por A.L.Roma Torres, R.Curral & F.Dourado (1999) é constituída 20 itens, distribuídos por duas dimensões, a Dimensão Coesão e a Dimensão Adaptabilidade. Os autores referem uma boa consistência interna da escala. O alfa de Cronbach para esta a escala é .87 (Curral, e col., 1999).

Para esta medida, o α alcançado na análise de resultados dos inquéritos aprovados é de .803, o que indica uma fiabilidade alta (por ter valores superiores a .70), tal como referido na teorização da medida. Assim sendo, é possível prosseguir para uma análise estatística que será referida pormenorizadamente no capítulo dos “Resultados” do presente estudo.

5.3. - Procedimento

Esta investigação trata-se de um estudo exploratório, durante o qual foi aplicado um protocolo de investigação a pré-adolescentes e adolescentes com idades entre os 11 e os 19 anos, sendo constituído por um questionário de dados demográficos, que inclui questões relativas à idade, ao género, à nacionalidade, à escolaridade, com quem habita e por três medidas de avaliação já acima descritas YouthSelf Report (T.M.Achenbach, Versão Portuguesa Fonseca e colaboradores (1994)), Qualidade de Ligação Parental-Forma Adolescente (Baptista, Negrão, Lory, Carvalho, 1997) e Faces III (D.H.Olson, J.Portner, Y.Lavee (1985); Versão Portuguesa de A.L.Roma Torres, R.Curral & F.Dourado).

Após a Aprovação Institucional da escola, foi igualmente pedido o consentimento informado aos encarregados de educação por escrito. A aplicação do protocolo foi entregue em mãos e devolvido de imediato, depois de preenchido. O mesmo foi realizado no decorrer de uma aula com a presença do respectivo professor, onde foram garantidos o anonimato e a confidencialidade das respostas, bem como orientados sobre como responder aos questionários.

Após terem sido recolhidos, as respostas dos sujeitos foram sujeitas à análise estatística, com o software SPSS (Statistical Package for Social Sciences), cujas tabelas e respectivas descrições, serão apresentadas de seguida.

Capítulo 6 – Resultados

Neste capítulo, apresentar-se-ão os resultados referentes à análise estatística.

Primeiramente, foi necessário verificar a distribuição normal. Através do tipo de distribuição, torna-se possível decidir que testes aplicar: paramétricos ou não paramétricos.

No caso do presente estudo, a distribuição foi normal em todas as dimensões dos três testes aplicados. Por outras palavras: tendo em conta que os resultados dos testes de distribuição normal foram todos acima de 0.05, tornou-se possível a aplicação dos testes paramétricos (t-student e ANOVA), que serão apresentados de seguida.

Para verificarmos se existiam diferenças significativas consoante o sexo com o objectivo de verificarmos as diferenças de comportamentos entre os rapazes e as raparigas, realizámos uma análise pelo t-student.

Tabela 2: Comparação entre o Sexo para as dimensões em estudo

Dimensões	MédiaS1	MédiaS2	DesPadS1	DesPadS2	T	P
Coes	37.02	40	8.006	7.162	.659	.045*
Adapt	22.91	23.58	6.193	6.246	.008	.575
A_D	5.68	6.51	3.713	4.251	1.728	.321
Iso	3.64	4.46	2.746	2.250	.889	.107
Q_S	5.75	18	4.349			.086
P.S.	4.06	4.73	2.706	3.081	1.597	.246
P.P.	3.88	5.34	3.275	4.779	3.104	.098
P.A.	5.72	5.64	2.639	2.761	.045	.889
C.D.	4.82	4.12	2.306	2.406	.046	.148
C.A.	7.28	6.93	5.235	4.587	2.075	.735
Int.	16	32	3.464			.026*
Ext.	12.02	11.04	6.986	6.470	.472	.499
C.PAI	20.46	19.18	10.234	6.929	2.628	.488
C.MÃE	16.36	17.74	6.734	5.972	.571	.264
A.PAI	12.08	11.02	3.841	3.018	1.849	.488
A.MÃE	10.93	10.74	2.921	3.217	2.581	.264
P.PAI	16.47	14.17	4.154	3.948	.248	.006*
P.MÃE	15.17	13.59	3.786	4.004	.114	.036*

*p≤05 **p≤.01***p ≤ .001

Existem, ao observar a tabela, diferenças significativas entre ambos os sexos (tabela 1) no que diz respeito à Coesão (T=.659; P=.045), à Internalização (p= .026), ambos com valores superiores para o sexo feminino, à Protecção Pai (T=.248; P=.006) e Mãe (T=.114; P=.036) que apresentam médias superiores para o sexo masculino.

As raparigas apresentam valores de coesão e de internalização significativamente superiores enquanto que os rapazes apresentam valores de protecção do pai e da mãe significativamente superiores.

Para verificarmos a existência de diferenças significativas consoante os diferentes tipos de família com o objectivo de verificar os diferentes tipos de comportamento por parte dos filhos, consoante as diferentes modalidades familiares, realizámos uma análise pela ANOVA.

Tabela 3: Comparação entre os tipos de família e as dimensões em estudo

Dimensões	M1	M2	M3	M4	DP1	DP2	DP3	DP4	F	P
Coes	39.39	37.84	35.44	29	6.809	8.415	9.057	15.556	1.876	.138
Adapt	24.44	22.50	19.22	14	5.716	6.782	4.604	1.414	3.957	.010*
A_D	5.52	7.43	5.13	5	3.735	4.467	3.603		1.623	.190
Isol	3.85	4.55	4	3	2.489	2.823	2		.551	.649
Q_S	8	8.33			5.657	8.505			.002	.965
P.S.	4.05	5.59	3.67	4.50	2.667	3.411	2.449	.707	2.081	.108
P.P.	4.44	4.76	5.89	1	4.268	3.822	5.036		.554	.647
P.A.	5.69	5.46	6.50	5	2.996	2.231	2.138	1.414	.338	.798
C.D.	4.33	4.89	4.50	3	2.509	2.299	1.512		.482	.696
C.A.	7.02	7	9.50	1	5.066	4.387	4.986		1.169	.326
Int.	17	20.67			.000	10.599			.215	.674
Ext.	11.34	11.71	14	4	7.049	6.189	5.782		.796	.500
C.PAI	18.07	25.08	19.20	13.50	6.764	11.263	9.311	2.121	4.453	.006*
C.MÃE	16.53	18.78	16.73	14	5.894	7.840	3.162	2.828	1.102	.352
A.PAI	11	13.42	11.43	8.50	3.292	3.400	3.359	4.950	3.611	.016*
A.MÃE	10.77	11.26	10.60	8.50	3.033	2.768	3.471	4.950	.630	.597
P.PAI	14.76	16.43	17.43	8.50	3.766	4.669	3.409	3.536	3.612	.016*
P.MÃE	14.25	14.09	16.11	9	3.549	4.468	3.219	4.243	1.978	.122

*p≤05 **p≤.01***p ≤ .001

Em relação dos diferentes tipos de família (tabela 2) existem diferenças significativas, nomeadamente no que diz respeito à Adaptabilidade ($F=3.957$; $P=.010$), que se verificou ser superior nas famílias nucleares, à Autonomia Pai ($F=3.611$; $P=.016$), superior nas famílias monoparentais, à Protecção Pai ($F=3.612$; $P=.016$), superior nas famílias reconstruídas, e ao Carinho Pai ($F=4.453$; $P=.006$), superior nas famílias monoparentais.

Para verificarmos a existência de diferenças significativas entre os alunos das duas escolas, com o objectivo de verificar as principais diferenças comportamentais consoante o meio socioeconómico, realizámos uma análise pelo t-student.

Tabela 4: Comparação entre os alunos das duas escolas para as dimensões em estudo

Dimensões	Média E1	Média E2	Desv Pad E1	Desv Pad E2	T	P
Coes	39,3	38,03	8,141	7,508	.33	.421
Adapt	23,94	22,9	6,107	6,259	.39	.419
A_D	5,05	6,78	3,519	4,158	.502	.041*
Iso	2,87	4,76	2,587	2,245	.915	.000*
Q_S	12	7,25		7,274		.600
P.S.	3,32	5,02	2,593	2,918	2,822	.004*
P.P	4,97	4,47	4,882	3,78	.003	.597
P.A.	5,47	5,8	2,646	2,73	.003	.566
C.D.	3,89	4,82	2,401	2,299	.000	.060
C.A.	6,19	7,73	5,093	4,708	.573	.141
Int.	17	19,75		8,846		.799
Ext.	10	12,44	6,924	6,454	.124	.099
C.PAI	19,73	19,88	8,457	8,958	.196	.937
C.MÃE	17,71	16,74	7,71	5,637	1,732	.459
A.PAI	11,95	11,34	3,24	3,646	.448	.411
A.MÃE	11,28	10,59	3,095	2,956	.062	.249
P.PAI	16,68	14,38	3,576	4,295	.440	.004*
P.MÃE	16,53	13,22	3,577	3,686	.005	.000*

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

A presente análise (tabela 4) estatística pretendeu efectuar a comparação entre os sujeitos das duas escolas nas quais foi aplicado o Protocolo de Investigação. A fundamentação desta comparação centra-se nos Projectos Educativos de ambas as escolas, que caracteriza cada uma de acordo com os dados sociodemográficos, nomeadamente das famílias que frequentam os Agrupamentos Escolares em questão.

As principais diferenças significativas são observáveis na ansiedade_depressão ($T=.502$; $P=.041$), no isolamento ($T=.915$; $P=.000$), nos problemas sociais ($T=2.822$; $P=.004$) que apresentam valores mais elevados na escola de Intervenção Prioritária, segundo o projecto TEIP; na protecção pai ($T=.440$; $P=.004$) e na protecção mãe ($T=0.005$; $P=.000$) que, por seu lado, apresentam valores mais elevados na escola com um nível socioeconómico mais elevado.

De seguida, calculámos a Correlação de Pearson para dimensões para compreender de que forma as variáveis utilizadas neste estudo são interdependentes.

Tabela 5: Matriz de Correlações para todas as dimensões em estudo

Pearson Correlations																
	Coes	Adapt	A_D	Isol	Q_S	P.S.	PP	PA	C.D.	C.A.	Int.	Ext.	C.PAI	C.MÃE	A.PAI	A.MÃE
Coes	1															
Adapt	.452**	1														
A_D	.089	.112	1													
Isol	-.044	.154	.608**	1												
Q_S	.261	.906*	.428	-.816	1											
P.S.	-.028	-.005	.638**	.514**	.368	1										
PP	-.009	.210	.583**	.459**	.968**	.408**	1									
PA	.005	.151	.534**	.400**	.621	.608**	.558**	1								
C.D.	-.225*	.185	.453**	.533**	.299	.526**	.387**	.570**	1							
C.A.	-.238*	-.086	.491**	.439**	.482	.562**	.566**	.617**	.657**	1						
Int.	.395	.669	.819	-.465	.862	.524	.830	.562	.365	.662	1					
Ext.	-.247*	-.007	.518**	.522**	.415	.585**	.543**	.668**	.834**	.964**	.592	1				
C.Pai	-.380**	-.293**	.287*	.299**	-.579	.319**	.168	.184	.404**	.415**	-.333	.437**	1			
C.Mãe	-.443**	-.273**	.107	.200	-.524	.163	.192	.151	.315**	.320**	-.379	.366**	.582**	1		
A.PAI	-.189	-.184	.028	.149	-.734	.118	-.053	.086	.268*	.057	-.327	.129	.676**	.311**	1	
A.MÃE	-.167	-.142	-.234*	-.016	-.765	-.183	-.193	-.108	.122	-.129	-.784	-.024	.262*	.384**	.738**	1
P.PAI	-.015	-.046	-.078	-.062	-.345	-.082	.060	-.030	.144	.085	-.318	.086	.459**	.159	.450**	.181
P.MÃE	-.025	.093	-.265*	-.141	-.172	-.364**	.026	-.126	-.097	-.078	-.505	-.102	.060	.226*	.147	.219*

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$ *** $p \leq .001$

Algumas dimensões estão correlacionadas significativamente.

Destaca-se, portanto, as correlações significativas entre a adaptabilidade e a coesão ($r=.452$; $p < 0.01$), o isolamento e a ansiedade_depressão ($r=.608$; $p < 0.05$), os

problemas de pensamento e as queixas_somáticas ($r=.968$; $p<0.05$), os problemas de atenção e os problemas sociais ($r=.608$; $p<0.05$), o comportamento delinquente e o comportamento agressivo ($r=.657$; $p<0.05$), a externalização e o comportamento agressivo ($r=.964$; $p<0.05$), o carinho mãe com o carinho pai ($r=.582$; $p<0.05$), a autonomia mãe com a autonomia pai ($r=.738$; $p<0.05$), e a protecção mãe com a protecção pai ($r=.696$; $p<0.05$).

No que concerne a correlações significativas entre as práticas parentais, o funcionamento familiar e o comportamento, encontraram-se as seguintes: o carinho pai e a coesão ($r=-.380$; $p<0.05$), o carinho pai e a adaptabilidade ($r=-.293$; $p<0.05$), o carinho pai e o isolamento ($r=.299$; $p<0.05$), o carinho pai e os problemas sociais ($r=.543$; $p<0.05$), o carinho pai e o comportamento delinquente ($r=.404$; $p<0.05$), o carinho pai e o comportamento agressivo ($r=.415$; $p<0.05$), o carinho pai e a externalização ($r=.437$; $p<0.05$). Em relação ao carinho mãe, também se encontraram correlações significativas com as outras dimensões: carinho mãe e coesão ($r=-.443$; $p<0.05$), carinho mãe e adaptabilidade ($r=-.273$; $p<0.05$), carinho mãe e comportamento delinquente ($r=.299$; $p<0.05$), carinho mãe e comportamento agressivo ($r=.320$; $p<0.05$), carinho mãe e externalização ($r=.366$; $p<0.05$). No que respeita à protecção mãe, apenas foram encontradas correlações significativas em relação aos problemas sociais ($r=-.364$; $p<0.05$).

Capítulo 7 – Discussão

A entrada para a Adolescência é, como referia Coimbra de Matos (2002), caracterizada pela alteração da relação com os pais, não pelo seu corte absoluto, senão pelo processo de construção da identidade. Nesta fase, os jovens exploram cada vez mais a sua relação com os seus pares (Sampaio, 1991), o que explica muitas vezes a sua dúvida em relação às decisões parentais e consequentes rebeldias.

Porém, nem sempre a Adolescência é caracterizada por dificuldades de relação (como é costume afirmar-se no “senso-comum”), tal como os estudos de Steinberg (2008) comprovam.

Passar-se-á, de seguida, a analisar atentamente os resultados e respectivas relações com a teoria apresentada neste estudo.

A Coesão é a dimensão central do modelo de funcionamento familiar, que é caracterizada como o vínculo emocional existente entre os membros da família, e não deve limitar o nível de autonomia individual que cada membro experimenta (Olson e Cols., 1985, cit. por Lorente, Martínez Cano, 1998). Neste estudo, as raparigas apresentaram um vínculo emocional mais coeso que os rapazes sugerindo maior apego familiar.

Tal relação justifica-se com um estudo (Moura & Matos, 2008) que evidencia o facto de as raparigas serem mais ansiosas no que concerne à separação de ambas as figuras parentais, mostrando a existência de uma maior dependência das suas relações com os pais. Este facto sugere, segundo os autores do referido estudo, que as raparigas tendem a investir mais nos relacionamentos interpessoais e se encontram emocionalmente mais próximas dos pais (remetendo-se para o conceito de coesão anteriormente descrito). O estudo refere ainda que outros autores (Kenny & Donaldson, 1991; Matos et. al., 1999; cit. por Moura & Matos, 2008) têm descrito as raparigas como sendo mais dependentes e emocionalmente mais próximas dos pais.

A dimensão Coesão é interdependente da Adaptabilidade, sugerindo-se, deste modo, que as raparigas, para além de demonstrarem uma Coesão mais forte que os rapazes, possuem uma capacidade de Adaptabilidade também superior.

Segundo vários estudos anteriores, a Depressão é o distúrbio mais comum na Internalização e, consoante estes resultados, é de salientar que as raparigas apresentam valores mais elevados a este nível, inquietando-se mais com as mudanças e exigências da adolescência, que podem justificar sentimentos de falta de esperança, confusão e

pessimismo em relação ao futuro. No entanto, outros estudos (Lewinsohn, Pettit, & Seelet, 2003; cit. por Steinberg, 2008) sugerem que os sintomas de Depressão Major são os mesmos na adolescência e nos adultos, e entre rapazes e raparigas, o que pode estar relacionado com o facto dos factores que levam a um distúrbio desse tipo estarem mais relacionados com a estrutura familiar e história pessoal de desenvolvimento de cada criança/jovem/adulto e não maioritariamente com o mecanismo como ela estrutura as emoções (se internalizando ou externalizando).

Todavia, a internalização das emoções pode apenas ser um mecanismo de gestão e consolidação dos sentimentos que não resulte em distúrbios. É interessante verificar que os rapazes obtiveram maiores índices de externalização, o que sugere que a forma de estruturar e demonstrar as emoções é diferente consoante o sexo, o que poderá estar na origem de muitas diferenças de comportamento verificadas no desenvolvimento de pré-adolescentes. A afirmação individual perante o grupo pode estar intimamente relacionada com este factor de estruturação das emoções que, por sua vez, parece ser dependente da estrutura familiar dos indivíduos.

Embora as raparigas tenham índices de coesão maior, os rapazes obtiveram os valores mais elevados de Protecção Pai e Protecção Mãe, que remetem para um maior controlo por parte da família, superprotecção, intrusão, contacto excessivo, infantilização e prevenção do comportamento independente (Baptista, Negrão, Lory & Carvalho, 1997). Estes resultados sugerem que as raparigas, embora com maiores níveis de vínculo familiar, adoptam comportamentos mais independentes. Isto também poderá estar relacionados com o facto de elas internalizarem mais e, por essa razão, os pais as considerarem mais independentes, racionais, sensatas na escolha dos seus comportamentos no seio do grupo, e não adoptarem um comportamento de protecção tão elevado como no caso dos rapazes.

No questionário sociodemográfico, era ainda perguntado aos sujeitos com quem eles viviam e a análise estatística efectuada pretendeu a comparação dos tipos de família com as dimensões em estudo. Neste sentido, as diferenças significativas encontradas foram ao nível das dimensões que remetiam para a família: Adaptabilidade, Autonomia Pai, Protecção Pai e Carinho Pai.

O conceito de “adaptabilidade familiar” é definido nos estudos de Olson, Sprenkel e Russel da seguinte forma: “É a habilidade de um sistema conjugal ou familiar para mudar a sua estrutura de poder, os papéis e as regras de relação, em resposta ao stress

provocado por uma situação concreta e determinada pelo ciclo vital evolutivo de toda a família”.

Os autores deste estudo consideravam, como principais variáveis da adaptabilidade, a estrutura de poder familiar (assertividade e controlo), os estilos de negociação, as regras da relação e a retroalimentação (positiva e negativa).

Deste modo, sugere-se pela observação dos resultados, que as Famílias Nucleares deste estudo apresentam uma Adaptabilidade mais adequada que as restantes famílias, permitindo a comunicação entre os seus membros e a negociação de estilos de liderança. Tal facto vai ao encontro daquilo que já tinha sido afirmado por Alarcão (2002), no seu estudo sobre o sistema familiar, quando caracterizou o ciclo vital enquanto família nuclear.

A Autonomia Pai (Baptista, Negrão, Lory & Carvalho, 1997) indica promoção de independência e autonomia, e no presente estudo, esta dimensão encontra-se com valores superiores nas famílias monoparentais, sugerindo-se deste modo que a maioria das famílias monoparentais do presente estudo são constituídas apenas pela mãe e não pelo pai, justificando-se deste modo o aumento de autonomia em relação ao pai. Relativamente à Protecção Pai cujo significado já aqui foi referido, as famílias nas quais apresenta valores mais elevados são as Famílias Reconstruídas, que são aquelas em que os progenitores se separam e passam a viver com outra pessoa que pode ou não ter filhos também. É interessante verificar que nas famílias em que é o pai que não vive com os jovens a protecção associada a estes aumente, indicando uma maior preocupação por parte do pai não presente em não perder o seu papel protector que pode sentir ameaçado pela presença de uma nova estrutura familiar no lar do seu filho.

O Carinho Pai (Baptista, Negrão, Lory & Carvalho, 1997) que integra características como o afecto, empatia e proximidade, por seu lado, evidenciou-se mais nas Famílias Monoparentais, situação em que, como já foi descrito, a criança geralmente fica a viver com a mãe obtendo uma Autonomia Pai superior, e em que o pai se pode sentir emocionalmente mais dependente do filho que já não vive com ele, havendo uma maior demonstração de carinho.

A Autonomia, o Carinho e a Protecção fazem parte das Práticas Parentais Educativas, pelo que se sugere, no caso deste estudo, que as famílias com práticas mais adequadas são as famílias monoparentais e nucleares, que aparentam ter uma relação de maior

promoção de autonomia e ao mesmo tempo, um carinho e afectividade, tal como referia Baumrind (1991a, cit. por Pereira, 2009).

Este facto explica-se por estas dimensões se influenciarem mutuamente, através dos seus altos níveis correlacionais. Cada dimensão indica que é possível prever o comportamento dos pais através dos filhos. Assim sendo, os filhos destas famílias mostram-se mais satisfeitos com a sua vida familiar que os filhos das restantes famílias.

No que diz respeito às escolas que frequentam os alunos inquiridos, as diferenças significativas encontradas foram ao nível da Ansiedade_Depressão, Isolamento e Problemas Sociais, mais elevados na Escola de Intervenção Prioritária e a Protecção Pai e Mãe na escola com características socioeconómicas mais elevadas.

Segundo Achenbach (1991, cit. por Steinberg, 2008), a Ansiedade e Depressão são integrantes da categoria internalização e apresentam sintomas como o mal-estar intrínseco e a ruminação. O Isolamento, por seu lado, está associado a mal-estar interpessoal e energia reduzida, que conduzem frequentemente o adolescente a evitar determinados contactos sociais e a ser mais reservado. Estas duas dimensões: Ansiedade_Depressão e Isolamento influenciam-se mutuamente, pelo que, quando um aluno apresenta valores mais elevados numa das dimensões, irá, conseqüentemente, apresentar valores também elevados na outra dimensão.

Os Problemas Sociais, por último, encontram-se relacionados, essencialmente, com a qualidade das relações interpessoais e a aceitação social. Estes três tipos de comportamento apresentam valores mais elevados na Escola de Intervenção Prioritária, o que se pode justificar pelo facto de existir um menor número de famílias Nucleares e maior número de famílias Reconstituídas, em comparação com a outra escola. Além da estrutura familiar ser relativamente diferente da escola com nível socioeconómico mais favorável, as famílias da Escola de Intervenção Prioritária vivem num bairro com características propícias a maiores problemas de comportamento no desenvolvimento dos jovens. Muito dos adultos não trabalham e vivem do Rendimento Social de Inserção, o que, dada a precariedade dos empregos, cria, por vezes, algumas situações de revolta e de conflitualidade.

Os dados estatísticos do Projecto Educativo desta escola referem que praticamente toda a população realojada da área sujeita a inquérito (do bairro em que a escola se insere) apresentava no final de 2004 um elevado grau de vulnerabilidade a situações de exclusão social. Quase 14% das famílias auferia rendimentos líquidos mensais por

adulto equivalente (RLMAE) inferiores a 150 Euros, cerca de 40% entre 150 e 299 Euros, 37% entre 300 e 600 Euros e apenas 10% dispunham de 600 ou mais Euros. Em oito dos treze blocos em estudo, mais de metade dos agregados familiares dispunham de RLMAE inferior a 300 euros, a chamada linha de pobreza (situação mais grave nos PER 9, 10 e 7); que no conjunto, significa 53,1% das famílias e 54,8% das pessoas. Em síntese, a escola identificou sete grupos que apresentam maior taxa de risco de pobreza e exclusão social: ciganos, famílias numerosas, imigrantes e minorias étnicas de origem imigrante, desempregados, crianças e jovens, mulheres (sobretudo as domésticas) e indivíduos não escolarizados.

Actualmente, a população desta escola é constituída por um significativo número de alunos de diversas etnias e também de diferentes contextos sócio culturais.

Os alunos deste Agrupamento de Escolas demonstram, em geral, uma grande desmotivação em relação à vida escolar. Não valorizam as aprendizagens, têm baixas expectativas em relação ao futuro e têm um acompanhamento muito deficiente por parte das famílias, sugerindo-se que estas mesmas se caracterizam, segundo a teoria deste estudo, por famílias desmembradas e com pais com atitudes pouco socializantes perante os seus filhos (Minuchin, cit. por Alarcão, 2002; Baumrind, 1991b, cit. por Pereira, 2009).

Devido a estes factores, é compreensível que, na afirmação de grupo, haja também maior crítica, discriminação e injúrias, que podem levar a situações de mal-estar intrínseco e interpessoal, maior isolamento e exclusão social.

No caso da escola com características socioeconómicas mais elevadas, a Protecção Pai e Mãe, já aqui definidas com valores superiores, sugerem que estes alunos apresentam um controlo maior por parte dos pais, mas também superprotecção, intrusão, contacto excessivo, infantilização e prevenção do comportamento independente (Baptista, Negrão, Lory & Carvalho, 1997), o que pode sugerir alguns aspectos mais internalizantes. Segundo o Projecto Educativo desta escola, muitos dos alunos têm expectativas elevadas face ao seu percurso escolar e respectivos resultados, o que se relaciona, em parte, com o nível de instrução dos encarregados de educação (mais de 40% são diplomados pelo ensino superior). Este facto favorece o acompanhamento do processo educativo, mas quando é feito em excessiva protecção, pode gerar indivíduos menos autónomos no que concerne à sua socialização (Baumrind 1991b, cit. por Pereira, 2009). Nesta escola, verificaram-se valores superiores de queixas somáticas que

poderão estar associadas a alguma superprotecção por parte dos pais. Além disso, e apesar de não ter sido avaliado neste estudo, sabe-se que os jovens desta escola são mais diagnosticados e acompanhados por profissionais de saúde mental, o que também pode estar relacionado com uma mais fácil detecção e consciencialização das queixas somáticas.

Para além desta análise dos dados sociodemográficos em relação às dimensões em estudo, foi necessário verificar que dimensões de diferentes testes se relacionam mais fortemente entre si. Encontraram-se, assim, muitas dimensões com altos níveis correlacionais nos diferentes tipos de testes.

É de salientar que aquelas que dizem respeito à família (práticas parentais e funcionamento familiar), foram as que evidenciaram correlações mais significativas, tanto para a mãe como para o pai. Este facto remete para a importância que os filhos dão ao modo de comunicação dos seus pais e à forma como a família se encontra estruturada, tendo consequências óbvias no seu comportamento. Estudos anteriores sublinharam já esta relação entre a família e o comportamento dos seus adolescentes, podendo afirmar-se que a família é o ambiente social básico da criança e do adolescente.

Compreende-se, deste modo, que a adaptação ou desadaptação dos filhos depende da qualidade da relação familiar (Villa, 1997, cit. por Matos, 2008), tal como indicam os resultados do presente estudo. O estudo de Villa concluiu que quanto mais fraca é a supervisão familiar, mais fraca se torna a socialização do adolescente, e consequentemente, maior é o risco de dificuldades de escolarização, e de problemas, dos quais o mais inquietante é a delinquência.

Outros estudos são convergentes com estes altos níveis correlacionais entre as dimensões ligadas à família, com consequências no comportamento dos adolescentes. Foram investigados os principais factores de risco que influenciam o comportamento dos jovens e concluiu-se que as principais variáveis para o ajustamento dos jovens são as competências parentais e os padrões de comunicação entre os pais e os jovens (Harnish, Dodge, Valente & Conduct Problems Prevention Research Group, 1995, cit. por Matos, 2008), contribuindo o seu défice para um grande número de perturbações nos mais novos, nomeadamente, a depressão (Kaslow & Racusin, 1994, cit. por Matos, 2008), e o défice de atenção (Barkley, 1989, cit. por Matos, 2008).

Charlton, Melia e Moyer (1990, cit. por Matos, 2008) elaboraram um modelo explicativo dos problemas de comportamento, com recurso à conceptualização de vários factores (pessoais e sociais).

Com este modelo, conseguiram identificar diversos factores que podem originar os problemas de comportamento: (a) estatuto sócio-económico, (b), influências da família, (c) influência dos pares, (d) auto-imagem e personalidade e (e) reforço fisiológico.

Conclui-se, igualmente, através do recurso a estudos anteriores (Patterson, Reid, & Dishion, 1992, cit. por Matos, 2008) que o preditor mais forte dos comportamentos anti-sociais são os problemas familiares.

“Os problemas familiares que se encontram relacionados com os problemas de comportamento das crianças e dos adolescentes são, maioritariamente, problemas psicopatológicos por parte dos pais, histórias de problemas anti-sociais na família, desavenças conjugais, instabilidade familiar, fracos recursos económicos e as perturbações específicas nas práticas parentais acerca da disciplina (Patterson, Reid & Dishion, cit.por Matos, 2008). Por outras palavras: um nível elevado de conflitos é comum em famílias de crianças e/ou adolescentes com perturbação de comportamento, cujas práticas se apresentam ineficazes, nomeadamente no que diz respeito à disciplina, ao uso inapropriado dos castigos e recompensas e ao fraco envolvimento familiar.

Através deste conjunto de estudos é possível entender as correlações significativas entre a família e o comportamento dos adolescentes, sugerindo-se deste modo que é possível afirmar a relação das práticas parentais e do funcionamento familiar no comportamento dos adolescentes.

Para além desta análise, é ainda possível verificar que, nas duas escolas nas quais foram aplicados os protocolos de investigação, as diferenças socioeconómicas influenciam não só o comportamento dos filhos como o comportamento parental.

O facto de os pais terem maiores níveis de escolaridade e uma vida económica favorável, proporciona-lhes, geralmente, uma maior motivação para a educação e socialização dos seus filhos. Pelo contrário, quando o meio envolvente não é favorável, existem conflitos intra e extrafamiliares; pais pouco escolarizados e com condições económicas desfavoráveis, perdem a motivação no que diz respeito à educação e à socialização dos seus filhos, o que já tinha sido referido por Baumrind (1991b, cit. por Pereira, 2009).

Conclusão

O presente estudo pretendeu analisar a relação das práticas parentais educativas e do funcionamento familiar no comportamento dos adolescentes.

Depois de uma revisão bibliográfica e da sua comparação com os resultados, é possível afirmar que o comportamento parental e o tipo de família no qual os adolescentes estão inseridos influencia o seu comportamento.

Para além dessa confirmação, é ainda possível afirmar, através dos dados estatísticos dos Projectos Educativos das duas escolas, que também o comportamento parental é influenciado consoante o nível socioeconómico das famílias. Por outras palavras: se a família está inserida num contexto favorável, a sua educação e socialização para com os filhos, também tenderá a ser mais favorável.

Apesar destas conclusões, o estudo apresentou algumas limitações, no que concerne à pouca investigação com dados estatísticos fidedignos ao nível do comportamento dos adolescentes relativamente à população portuguesa (ao invés, existe muita teoria).

Tal evidência faz com que se sugira que, em investigações futuras, se analise mais detalhadamente a população jovem portuguesa, com amostras mais significativas.

Considera-se ainda de extrema importância que investigações futuras se foquem na problemática das queixas somáticas e na sua comparação com os meios envolventes.

Bibliografia

Achenbach, T.M. (1991). *Integrative Guide for the 1991 Child Behaviour Checklist 4-18, YSR and TRF Profile*. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry.

American Psychiatric Association (2002). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais – DSM-IV-TR (4ª edição, texto revisto)*. Lisboa: Climepsi Editores

Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Quarteto Editora.

Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (2010-2013). *Projecto Educativo*. AEES. Retirado: Janeiro, 10, 2011, de <http://www.eb23eugeniosantos.rcts.pt/Agrupamento/agrupdocum/PE201013.pdf>

Agrupamento de Escolas do Alto Lumiar (2009). *TEIP II. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária*. Projecto de Candidatura. Retirado: Janeiro, 11, 2011, de http://www.aelumiar.com/images/documentos/proj_teip.pdf

Baptista, A., Negrão, A.M., Lory, F., Carvalho, D. (1997). *Práticas Parentais Educativas na Adolescência. Desenvolvimento e Validação do Questionário de Ligação Parental – Forma Adolescente*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Obras de António Coimbra de Matos. Climepsi Editores.

Curral, R., Dourado, F., Roma Torres, A., Barros, H., Pacheco Palha, A. e Almeida, L. (1999) *Coesão e Adaptabilidade Familiares numa amostra Portuguesa: estudo com o FACES III*. *Psiquiatria Clínica* 20 (3), p.213-217.

Fonseca, A., Simões, A., Rebelo, J., Ferreira, J, &, Cardoso, F. (1995). *Comportamentos anti-sociais referidos pelos próprios alunos*. *Psychologica*, 14, 39-57.

Fonseca, A.C. (2010). *Crianças e Adolescentes. Uma Abordagem Multidisciplinar*. Almedina.

Matos, P.M., Moura, O (2008). *Vinculação aos Pais, Divórcio e Conflito Interparental em Adolescentes*. PSICOLOGIA, Vol. XXII (1). Edições Colibri, Lisboa, pp. 127-152.

Matos, M.G (2008). *Comunicação, Gestão de Conflitos e Saúde na Escola*. FMH Edições

Sampaio, D. (1993). *Vozes e Ruídos. Diálogos Com Adolescentes*. Caminho.

Sampaio, D. (1991). *Ninguém Morre Sozinho. O adolescente e o suicídio*. Caminho. Coleção Universitária.

Sampaio, D., Gameiro, J. (2005). *Terapia Familiar*. Edições Afrontamento.

Sprinthall, N.A., Collins, W.A. (1994). *Psicologia do Adolescente. Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Steinberg, L. (2008). *Adolescence*. McGraw Hill Higher Education.

Pereira, A.I.F. (2009). *Crescer em Relação. Estilos Parentais Educativos, Apoio Social e Ajustamento. Estudo Longitudinal com crianças em idade escolar*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Polaino-Lorente, A., Martínez Cano, P. (1998). *Evaluación Psicológica Y Psicopatológica de la Familia*. Instituto de Ciencias para la Familia.

Pereira, A. (2006). *SPSS. Guia Prático de Utilização. Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia*. Edições Sílabo.

Weiner, I.B. (1995). *Perturbações Psicológicas na Adolescência*. Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXOS

ANEXO I

Consentimento Informado ao Encarregado de Educação

Caro Encarregado de Educação,

Venho por este meio solicitar a participação voluntária do seu educando neste estudo.

Este estudo consiste na relação entre o funcionamento familiar, as práticas parentais e o comportamento em adolescentes. A participação irá consistir no preenchimento de um protocolo constituído por três questionários que medem cada uma das variáveis acima descritas. O seu educando participará de forma voluntária, anónima e confidencial, uma vez que a recolha dos dados serve única e exclusivamente para tratamento estatístico.

Estarei disponível para responder a qualquer questão.*

Eu, _____ autorizo ☐ /não autorizo ☐ o meu (minha) educando(a) _____ a participar do preenchimento do presente protocolo.

(Assinatura do Encarregado de Educação)

*Contactos: 918818692/maryhcosta@hotmail.com

Obrigado pela sua atenção.

Anexo II

Este questionário não tem respostas certas ou erradas, não há tempo limite de resposta, e tens a liberdade de desistires a qualquer momento. Todas as respostas são anónimas, confidenciais e destinam-se apenas a tratamento estatístico.

Muito obrigado pela tua colaboração.

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: ____ anos

Nacionalidade: _____

Localidade: _____

Escolaridade: _____

Com quem moras (podes assinalar mais do que um quadrado)?:

Mãe ☐

Pai ☐

Irmão(a) ☐

Irmãos(as) ☐

Avó ☐

Avô ☐

Outros ☐ Se outro, qual? _____

FACES III

D.H. Olson, J. Porter, Y. Lavee (1985)

Versão portuguesa de A. L. Roma Torres, R. Curral & F. Dourado

Agora descreva a sua família:

		Quase Nunca	Uma Vez por outra	Algumas Vezes	Frequentemente	Quase Sempre
1.	Os membros da família pedem ajuda uns aos outros.					
2.	Para resolver os problemas são seguidas as sugestões dos filhos.					
3.	Aprovamos os amigos de cada um dos membros da família.					
4.	Os filhos têm uma palavra a dizer no que diz respeito à sua educação.					
5.	Gostamos de fazer coisas com a nossa família mais chegada.					
6.	Na nossa família pessoas diferentes agem como líderes (quem toma as decisões).					
7.	Os membros da família sentem-se mais próximos de outros membros da família do que das pessoas de fora.					
8.	A nossa família pode mudar a maneira de executar as tarefas.					
9.	Os membros da família gostam de ocupar o tempo livre uns com os outros.					
10.	Os pais e filhos discutem os castigos conjuntamente.					
11.	Os membros da família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
12.	Na nossa família são os filhos que tomam as decisões.					
13.	Quando a nossa família se junta para uma actividade toda a gente está presente.					
14.	As regras podem mudar na nossa família.					
15.	Podemos facilmente pensar sobre coisas que a família possa fazer em conjunto.					
16.	Podemos trocar a responsabilidade das tarefas domésticas de uma pessoa para outra.					
17.	Os membros da família consultam outros membros da família sobre as suas decisões.					
18.	É difícil identificar quem manda na nossa família.					
19.	A união familiar é muito importante.					
20.	É difícil dizer quem faz cada uma das tarefas domésticas.					

Questionário de Ligação Parental – Forma Adolescente (QLP-A): A. Baptista, A. M. Negrão, F. Lory & D. Carvalho, 1997

Com este questionário pretendemos conhecer o modo como o teu Pai e a tua Mãe se relacionam ou comportam contigo. Vais responder a cada pergunta do seguinte modo: Por exemplo, avalia se o teu Pai ou a tua Mãe costumam brincar contigo?

		Muito Parecido	Moderadamente Parecido	Moderadamente Diferente	Muito Diferente
1. Costumam brincar comigo	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

Pensa primeiro no teu Pai. Se o teu Pai costuma brincar contigo fazes uma cruz no quadrado **Moderadamente Parecido**, se costuma brincar muitas vezes contigo fazes a cruz no quadrado **Muito Parecido**. Ao contrário, se o teu Pai não costuma brincar contigo, acontecendo isso apenas algumas vezes, fazes a cruz no **Moderadamente Diferente**, se raramente ou nunca brinca contigo faz a cruz no **Muito Diferente**.

Pensa depois na tua Mãe e faz o mesmo tipo de raciocínio. Responde em seguida a todas as perguntas sem deixares nenhuma em branco. Se tiveres alguma dificuldade em responder dá a tua primeira impressão, porque não há respostas certas ou erradas.

RESPONDE AGORA A TODAS AS PERGUNTAS:

		Muito Parecido	Moderadamente Parecido	Moderadamente Diferente	Muito Diferente
1. Fala comigo com voz calma e amiga	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
2. Ajuda-me tanto quanto eu preciso	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
3. Deixa-me fazer as coisas como eu gosto	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

4. É meigo e carinhoso para mim	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
5. Compreende os meus problemas e preocupações	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
6. É muito afectuoso para mim	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
		Muito Parecido	Moderadamente Parecido	Moderadamente Diferente	Muito Diferente
7. Gosta que eu tome as minhas próprias decisões	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
8. Gosta que eu me comporte como se fosse mais velho	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
9. Tenta controlar tudo o que eu faço	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
10. Invade a minha privacidade	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
11. Gosta de conversar comigo	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
12. Sorri para mim com frequência	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
13. Costuma tratar-me como um bebé	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
14. Compreende o que eu preciso ou quero	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

		Muito Parecido	Moderadamente Parecido	Moderadamente Diferente	Muito Diferente
15. Deixa-me decidir as coisas por mim	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
16. Faz-me sentir desejado	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
17. Consegue fazer-me sentir melhor quando estou aborrecido	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
18. Conversa muito comigo	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
19. Tenta fazer-me dependente dele	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
20. Pensa que não sou capaz de tomar conta de mim se ele não estiver ao pé	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
21. Dá-me toda a liberdade que eu quero	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
22. Deixa-me sair quando eu quero	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
23. Protege-me excessivamente	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
24. Elogia-me	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
25. Deixa-me vestir como eu gosto	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

QUESTIONÁRIO DE AUTO-AVALIAÇÃO PARA JOVENS (YSR)

Thomas M. Achenbach

Tens abaixo uma lista de frases que descrevem o comportamento dos jovens. Nas frases que descrevem o teu comportamento agora ou nos últimos seis meses, faz um círculo no 2 para indicar que É verdade ou frequentemente verdade. Faz um círculo no 1 para indicar que Por vezes é verdade. Se a frase não descrever o teu comportamento, faz um círculo no 0 para indicar que Não é verdade.

0 = Não é verdade 1 = Por vezes é verdade 2 = É verdade ou frequentemente verdade

1. Comporto-me de modo demasiado infantil para a minha idade	0	1	2
2. Tenho uma alergia (qual): _____	0	1	2
3. Discuto muito.	0	1	2
4. Tenho asma.	0	1	2
5. Comporto-me como se fosse do sexo oposto.	0	1	2
6. Gosto de animais.	0	1	2
7. Sou gabarolas.	0	1	2
8. Tenho dificuldades de concentração ou não consigo estar atento durante muito tempo.	0	1	2
9. Não consigo afastar da minha cabeça determinados pensamentos (descreve-os): _____	0	1	2
10. Tenho dificuldade em estar sentado.	0	1	2
11. Sou muito dependente dos adultos.	0	1	2
12. Sinto-me só.	0	1	2
13. Sinto-me confuso ou desorientado.	0	1	2
14. Choro muito.	0	1	2
15. Sou muito honesto.	0	1	2
16. Sou mau para os outros.	0	1	2
17. Sonho bastante acordado.	0	1	2
18. Já tentei deliberadamente ferir-me ou matar-me.	0	1	2
19. Tento chamar a atenção sobre mim bastantes vezes.	0	1	2
20. Destruo as minhas coisas.	0	1	2
21. Destruo as coisas que pertencem aos outros.	0	1	2
22. Desobedeço aos meus pais.	0	1	2
23. Sou desobediente na escola.	0	1	2
24. Não como tudo o que devia comer.	0	1	2
25. Não me dou bem com os outros jovens.	0	1	2
26. Não me sinto culpado depois de ter feito algo que não devia fazer.	0	1	2
27. Sou ciumento.	0	1	2
28. Gosto de ajudar os outros quando eles necessitam.	0	1	2
29. Tenho medo de alguns animais, situações ou lugares (descreve) _____	0	1	2
30. Tenho medo de ir à escola.	0	1	2
31. Tenho medo de pensar ou fazer algo mau.	0	1	2
32. Penso que tenho de ser perfeito.	0	1	2
33. Penso que ninguém gosta de mim.	0	1	2
34. Penso que os outros me andam a perseguir.	0	1	2
35. Sinto-me inferior ou sem valor.	0	1	2
36. Tenho muitos acidentes ou ferimentos	0	1	2
37. Entro em muitas brigas.	0	1	2
38. Sou gozado ou arreliado muitas vezes.	0	1	2
39. Costumo andar com companheiros que frequentemente estão metidos em problemas.	0	1	2
40. Ouço sons e vozes que os outros não ouvem (descreve): _____	0	1	2

41. Sou impulsivo, faço coisas sem pensar.	0	1	2
42. Gosto mais de estar só do que estar acompanhado.	0	1	2
43. Minto ou faço intrujices.	0	1	2
44. Tenho o hábito de roer as unhas.	0	1	2
45. Sou nervoso ou tenso.	0	1	2

0 = Não é verdade

1 = Por vezes é verdade

2 = É verdade ou frequentemente verdade

46. Tenho tiques ou movimentos nervosos (descreve): _____	0	1	2
47. Tenho pesadelos.	0	1	2
48. Os outros jovens não gostam de mim.	0	1	2
49. Consigo fazer certas coisas melhor que a maioria dos jovens.	0	1	2
50. Sou demasiado medroso ou ansioso.	0	1	2
51. Sinto tonturas.	0	1	2
52. Sinto-me muito culpado.	0	1	2
53. Como em demasia.	0	1	2
54. Sinto-me muito cansado.	0	1	2
55. Tenho peso a mais.	0	1	2
56. Tenho problemas físicos sem causa médica conhecida:	0	1	2
a. Dores (sem ser de cabeça)	0	1	2
b. Dores de cabeça	0	1	2
c. Náuseas e enjoos	0	1	2
d. Problemas com os olhos (descreve) _____	0	1	2
e. Problemas com a pele	0	1	2
f. Dores de barriga	0	1	2
g. Vômitos	0	1	2
h. Outros (descreve) _____	0	1	2
57. Ataco fisicamente as outras pessoas.			
58. Arranho com os dedos o nariz, a pele ou outras partes do corpo (descreve): _____	0	1	2
59. Sou capaz de ser muito amigo.	0	1	2
60. Gosto de experimentar coisas novas.	0	1	2
61. O meu rendimento escolar é fraco.	0	1	2
62. Sou desajeitado ou tenho má coordenação.	0	1	2
63. Prefiro estar com os companheiros mais velhos do que com os da minha idade.	0	1	2
64. Prefiro estar com os companheiros mais novos do que com os da minha idade.	0	1	2
65. Recuso-me a falar.	0	1	2
66. Repito várias vezes certos comportamentos (descreve): _____	0	1	2
67. Fujo de casa.	0	1	2
68. Grito muito.	0	1	2
69. Costumo ter segredos ou guardar as coisas para mim.	0	1	2
70. Vejo coisas que mais ninguém vê (descreve): _____	0	1	2
71. Sinto-me facilmente embaraçado ou acanhado.	0	1	2
72. Ateio fogos.	0	1	2
73. Sou muito habilidoso com as mãos.	0	1	2
74. Gosto de dar nas vistas ou de me fazer engraçado.	0	1	2
75. Sou envergonhado ou tímido.	0	1	2
76. Durmo menos que a maioria dos outros jovens.	0	1	2
77. Durmo mais que a maioria dos outros jovens durante o dia e/ou durante a noite (descreve): _____	0	1	2
78. Tenho boa imaginação.	0	1	2
79. Tenho um problema na fala (descreve) _____	0	1	2
80. Luto pelos meus direitos.	0	1	2

81. Roubo coisas em casa.	0	1	2
82. Roubo coisas fora de casa.	0	1	2
83. Guardo coisas que não me fazem falta (descreve) _____	0	1	2
84. Faço coisas que as outras pessoas acham estranhas (descreve) _____	0	1	2
85. Tenho pensamentos que as outras pessoas acham estranhos (descreve) _____	0	1	2
86. Sou atencioso.	0	1	2

0 = Não é verdade 1 = Por vezes é verdade 2 = É verdade ou frequentemente verdade

87. A minha disposição ou sentimentos mudam de repente.	0	1	2
88. Gosto de estar com as outras pessoas.	0	1	2
89. Sou desconfiado.	0	1	2
90. Praguejo ou digo palavras obscenas.	0	1	2
91. Penso em matar-me.	0	1	2
92. Gosto de fazer os outros rir.	0	1	2
93. Falo em demasia.	0	1	2
94. Arrelio muito os outros.	0	1	2
95. Tenho acessos de mau humor.	0	1	2
96. Penso em demasia em sexo.	0	1	2
97. Ameaço ferir as outras pessoas.	0	1	2
98. Gosto de ajudar os outros.	0	1	2
99. Preocupo-me em demasia com a arrumação ou limpeza.	0	1	2
100. Tenho dificuldades no sono (descreve) _____	0	1	2
101. Falto à escola.	0	1	2
102. Não tenho muita energia.	0	1	2
103. Sou infeliz, triste ou deprimido.	0	1	2
104. Faço mais barulho que os outros.	0	1	2
105. Utilizo álcool ou drogas sem finalidade médica (descreve) _____	0	1	2
106. Tento ser justo com os outros.	0	1	2
107. Gosto de anedotas.	0	1	2
108. Gosto de levar a vida despreocupadamente.	0	1	2
109. Tento ajudar os outros sempre que posso.	0	1	2
110. Desejo ser do sexo oposto.	0	1	2
111. Evito estar com outras pessoas.	0	1	2
112. Preocupo-me em demasia.	0	1	2

Podes escrever neste espaço algo mais que descreva os teus sentimentos, comportamentos ou interesses.

VERIFICA SE RESPONDESTES A TODAS AS PERGUNTAS

Muito obrigada pela tua colaboração!!